

CONTOS AZUES



Leleto
Dez. 1921
Rio

CHRYSANTHEME

M. ME. CHRYSANTHÈME

CONTOS AZUES

(INFANTIS)



Editora — a Livraria Leite Ribeiro
Ruas-Béthencourt da Silva, 15-17-19
e 13 de Maio, 74-76
— RIO DE JANEIRO —
1922

A filha da sereia

A' beira do mar glauco, viviam uma vez um pobre pescador e sua mulher. Moravam isolados porque não tinham filhos e os visinhos mais proximos se encontravam muito distantes delles.

Numa modesta choupana encostada a uma alta montanha que a protegia dos fortes ventos do mar, Eliás e sua esposa viviam pobrementemente do producto da pesca, que muitas vezes era escassa.

Uma noite em que forte tufão soprara sobre o mar, levantando ondas tão altas que pareciam muralhas phantasticas, o pescador ouviu um choro plangente debaixo da sua janella. A principio não fez caso, pensando ser algum animal que, tocado pela borrasca, fugia gemendo, mas a repetição dos sons tristes, fez com que elle se erguesse do leito e fosse abrir a janella para averiguar o que seria

aquillo. Uma baforada forte de vento apagou a lamparina e o pobre homem avistou mal, debaixo da janella, uma mancha esbranquiçada, de onde partiam gemidos de criança.

Voltou a accender a luz e, acompanhado agora da mulher, abriu a porta tosca da choupana, dirigindo-se para a mancha branca, que continuava a mover-se e a lamentar-se. Elias, muito curioso, abriu ali mesmo, á luz da vela, os envolveros prateados e appareceu-lhe, deitada sobre um coxim de seda com franjas de perolas verdadeiras, uma linda menina de dois annos. A mulher do pescador tomou-a nos braços, afim de livral-a do vento rijo que soprava e penetrou em casa seguida pelo marido, que levava os lençoes de prata e os ricos coxins de seda. Então é que puderam ver á vontade como era formosa a creança que lhes viera parar á porta por uma noite de tão terrivel tempestade. De olhos verdes, côr de alga, e lindos cabellos de um louro ardente, a branca orphãzinha parecia um anjo. Apesar de sua pobreza o pescador e sua mulher adoptaram a criança e só muito mais tarde é que elles se lembraram de que tinham uma fortuna nas perolas que ornavam o coxim de sua filha adoptiva. Foi então o pescador vendel-as na cidade proxima e voltou com uma somma de moedas que lhe servio para arranjar um pouco a miseravel choupana, confeccionar novos vestidos para a criança e guardar-lhe um dotesinho, para quando crescesse e quizesse casar.

Ilka, assim a chamaram, era uma creança ex-

quisita e má. Fitava seus paes muitas vezes com olhares tão frios e impertinentes que os incommo-
dayam; outras vezes atirava-se-lhe nos braços e os
beijava com enthusiasmo e carinho. Sempre que po-
dia corria para a beira do mar, máo grado os gri-
tos da mãe, que temia sempre que lhe acontecesse
alguma coisa. Nessas occasiões obedecia, contra a
vontade, voltando para a casa e passava o dia ar-
rufada, num canto da salinha.

Elias ensinara-lhe a tocar guitarra e a cantar
modinhas e, quando já mocinha, Ilka, se sentava á
porta, nas noites de luar, a tocar e a cantar; a
sua voz era tão doce e tinha um som tão extranho
que, o pae e a mãe, aturdidos, ficavam parados no
meio da casa a escutarem-n'a. O proprio mar pa-
recia serenar-se ao som daquella voz magica e es-
tendia-se doce como um lençol de seda até os pés
da formosa cantora. A mulher do pescador chegou
até um dia a jurar que vira cabeças de mulher er-
guerem-se das ondas e permanecerem enlevadas, em-
quanto a filha cantava.

*
* *

Uma tarde, o pescador avistou um grande na-
vio em perigo. Da praia ouviam-se os sinos pedindo
soccorro, e, de vez em quando, um tiro forte de
canhão echoava atravessando a distancia.

Nada podia fazer o pobre homem senão orar,

o que fez logo, em companhia de sua mulher e de sua filha, que, então, tinha 16 annos.

Os sinos já não soavam e os tiros se succediam já em grandes intervallos. De repente, houve um profundo silencio, o navio rodemoinhou violeentemente, abrindo grossas ondas em torno, e depois a calma do horizonte se estendeu sobre o mar.

Um vulto, entretanto, se dirigia para a terra, e o pescador, tendo-o avistado, tomou o seu bote, lançou-o ao mar afim de ajudar esse alguem a salvar-se. A mulher e Ilka ficaram-n'ò esperando, anxiosas e amedrontadas. A moça adorava o mar e, esquecendo o pae e o naufrago que elle fôra auxiliar, fitou os olhos no abismo chamalotado do oceano e cahio em extase. A mãe chorava convulsivamente a seu lado sem que ella desse por tal, tão enlevada estava.

Um barulho de remos proximo tirou-a daquelle lethargo e avistou então o pae que voltava. A mãe, soltando suspiros de alivio, agradecia a Deus com exclamações de prazer.

O bote encalhou na areia e o pescador, saltando lepido, deu o braço a um lindo moço, que, molhado e tiritante, se encaminhou para as duas mulheres que corriam a prestar-lhe soccorro.

Ilka parara tremula a dois passos d'elle, mirando-o surpresa: nunca vira tamanha belleza. O mesmo aconteceu ao mancebo, que retirando o seu capacete de iouro, onde uma penna vermelha se erguia, molhada pela agua do mar, a saudou com

respeito e elegancia. O seu gibão de veludo preto, apesar da agua que o encharcava, desenhava bem o seu corpo elegante e airoso.

Dirigiram-se todos para a casa do pescador, onde o rapaz, depois de secco e confortado, narrou a historia do naufragio.

O navio, contou elle, tocara num recife, abrindo uma terrivel brécha que o fez ir ao fundo. O capitão, passageiros e tripolação pereceram afogados. Elle mesmo não sabe como se salvou; foi ao fundo do mar como os outros, mas, quando voltou a si, sentio-se sustentado por alguém que não percebia. Tinha a sensação de que docemente o empurravam para terra, mas estava tão enfraquecido que se deixava levar sem saber por quem. Quando avistou, de longe, o pescador no seu bote, a vida se lhe voltou e começou a nadar com violencia, indifferente e sem curiosidade. Sentio então que estava só e que alguém, que o amparara até então, o deixava ir.

— Não vio nada? nada? interrogou Ilka, com a sua voz melodiosa.

— Nada! Nada! respondeu o rapaz, curvando-se com respeito. Tive sómente a impressão de que a mão que me segurava era fina e fria como marmore.

A moça, pensativa, não lhe perguntou mais nada, mas o seu olhar, toda a noite, procurou o rapaz.

Este disse chamar-se Othon e ser marquez no seu paiz. Muito agradecido ao pescador e á sua

familia, parecia gostar muito de Ilka, que lhe retribuía a afeição.

Um mez passou o marquez em casa do pescador, esperando, dizia elle, um navio, mas achava tantos defeitos nos poucos que por ali passavam, que em breve o pescador e a mulher comprehendêram que Othon ali ficava pela filha. Falaram então em casamento, o que muito agradou ao rapaz, e como Ilka, tambem consultada, concordasse entre orgulhosa e vermelha, o casamento foi marcado para a proxima semana.

Othon e Ilka passeavam todas as tardes pelas praias, apanhando conchinhas curvas e algas que a maré trazia. Othon contava a sua viagem terrivel, os encantos do paiz que deixara e as riquezas do seu palácio.

A moça ouvia-o enthusiasmada, mas, sempre esquisita e má, declarava-lhe, fitando nelle os seus olhos claros, que preferia de muito a sua choupana e o seu paiz, Othon tinha então um momento de tristeza, mas a belleza da noiva consolava-o de tudo. Na vespera do casamento Ilka desapareceu longas horas, e já todos em casa principiavam a inquietar-se, quando ella voltou, muito pallida e triste.

Perguntaram-lhe porque estava assim, mas ella recusou-se a dizer qualquer coisa. No dia do casamento, antes deste se realizar na cidade proxima, Ilka levou o noivo para a beira da praia e ali sentados na areia, lhe falou assim:

— Meu amigo, é preciso que saibas com quem

te casas; não sou uma mulher igual ás outras. Sou uma sereia filha do rei e da rainha do oceano. Acabo de ter uma longa conversa com minha mãe, que, pela primeira vez, me appareceu.

Não imaginas que linda mulher é ella, mas disse-me coisas tão tristes que me sinto ainda a tremer. Contou-me que a minha ama, para se vingar della, que lhe ralhara naquelle dia, fugira commigo do palacio de coral, onde meu pae e minha mãe moram, no fundo do mar, deixando-me aqui ficar.

Foi ella quem te salvou das furias do mar, afim de que viesses parar aqui e me conhecesses e me desposasses. Entretanto, meu querido noivo, ella me aconselhou que nunca sahisse das margens do oceano, porque ahi sempre estaria ao alcance da sua protecção e da do meu pae. Disse-me, em seguida, que te dissuadissem de voltar para o teu paiz, onde talvez eu tenha de deixar-te e de voltar para o palacio de coral dos meus parentes, se te aborreces de mim. Accrescentou ella que este meu genio que tanto os faz soffrer, a ti e a meus paes adoptivos, é a luta entre a minha natureza de sereia e a de mulher terrestre. Serei sempre bôa e submissa logo que casar commigo e soffrerei como soffrer os humanos!

Othon prometteu-lhe que nunca se afastaria della e, embrulhando-a num amplo véo, bordado a prata, presente de sua mãe, tomou, em companhia dos pescadores, o caminho da cidade. O pescador e a mulher abriram muito os olhos ao verem a

filha envolvida em tão rico véo, mas nada lhe perguntaram, receiando que ella se zangasse.

No dia seguinte ao do casamento, Ilka não parecia a mesma, de tão boa e humilde que estava. Ajudou a mãe adoptiva nos arranjos da casa, e o seu rosto tornara-se doce e calmo como o de uma santa. O pescador e a mulher, que não sabiam da conversa que tinha havido entre ella e a mãe verdadeira, olhavam, admirados, para tamanha mudança. Othon parecia feliz e de quando em vez beijava as mãosinhas brancas da mulher.

Um mez inteiro reinou completa felicidade na modesta cabana do pescador, mas, um dia, o Marquez despertou bocejando e saudoso dos seus parentes e do seu palacio.

Ilka comprehendeu logo que o marido queria voltar para o seu paiz, que era entre altas montanhas e florestas tão espessas, que pareciam muralhas. Nada reclamou, quando elle, não se podendo mais conter, mandou ajaezar dois soberbos cavallos brancos afim de voltar com a mulher para o seu paiz. O pescador e a mulher choraram muito, mas nada podiam dizer, e Othon e Ilka partiram por uma bella manhã de primavera.

Tomaram passagem, perto dali, num grande navio que os levaria até ás portas do paiz de Othon, e todo o tempo que estiveram a bordo, muitos passageiros avistaram uma fórma de mulher que seguia o navio. Era a velha sereia que acompanhava a filha que partia para tão longe! A moça, debru-

cada á murada do navio, deixava cair grossas lagrimas que timbavam no mar como gottas de chuva.

Chegaram, afinal, ao palácio de Othon onde os parentes reunidos, os esperavam com ansiedade. Apresentou-lhes a linda Ilka soberba no seu vestido franjado de perolas verdadeiras, presente da mãe, na vespera da partida, que a todos agradou e encantou. Só uma pessoa lhe torceu o nariz: a princesa Hilda que, prima do marquez, pretendia desposal-o e, muito aborrecida, via que os seus projectos eram agora impossiveis, visto que o marquez voltava casado e com uma mulher mais bella do que ella.

Othon deu grandes festas no palácio: bailes, caçadas e torneios. Ilka brilhava sempre e Hilda, cada vez mais encolerizada, via-a admirada e querida por todos. Principiou a intrigal-a com o marquez, que a principio a defendeu mas que, depois, aborrecido com a immensa calma e serenidade da mulher, que, não se defendia, voltou a sua ternura para a má e petulante Hilda, que o rodeava de falsos carinhos.

Ilka, vendo isso, chamou o marquez e disse-lhe que, se o obedecera vindo para um paiz tão longe do mar e portanto da protecção dos seus, ella confiara nas suas promessas, promessas estas que elle não cumpria, pois que vivia ajudando a princeza Hilda nas maldades contra ella.

O marquez negou, mas um dia veio em que a pobre Ilka não teve mais duvidas de que a prefe-

rida era a Hilda. Chorou muito, como choram os humanos com dôr e amargura, e embrulhando-se no seu véo de casamento desapareceu do palacio.

O marquez procurou-a a principio, um pouco envergonhado, mas, vendo que os dias se passavam sem que ella voltasse, desposou a princeza Hilda, que o tornou profundamente infeliz.

A princeza Ilka, andando sempre pelas avenidas intrincadas da Floresta Espessa, chegou afinal á beira do mar, onde entre soluços e gemidos pediu a protecção da mãe.

Esta appareceu-lhe logo, com longos fios de coral entre os cabellos soltos e tomando a filha entre os braços molhados, principiou a embalal-a até que esta adormeceu. Desceu então de mansinho, furando as aguas, até o fundo do mar onde, penetrando no seu rico palacio de coral rosa, a depoz sobre um divan côr de perola. A moça, tão fatigada estava, que dormio uma semana sem acordar.

A velha sereia, aproveitando o somno da filha, chamou em seu auxilio todas as altas personalidades do oceano. Sentaram-se todos sobre os bancos de coraes que ornavam o parque dos monarchas e a rainha do oceano principiou a narrar-lhes o que succedera á filha, tão bôa e dedicada. Decidiram então que inundariam o paiz do marquez, afogando todos quanto nelle morassem e sobretudo a Othon, Hilda e seus parentes, testemunhas de tanta maldade.

Uma noite, portanto, em que o marquez e a

mulher dormiam socegradamente, o mar principiou a crescer de muito longe, invadindo a Floresta Espessa, que em breve ficou debaixo de agua, e se dirigindo para o palacio de Othon, que despertou aterrado, vendo a enorme massa d'agua que subia sempre. Os cavallos já mortos boiavam em torno do palacio, misturando-se com os cadaveres dos habitantes da cidade e com os dos criados do castello. Hilda, livida de terror, agarrava-se ao marido que com um repellão brutal, a atirou na agua, vendo-a calmamente desaparecer. Compreendeu um pouco tarde que tinha sacrificado a bôa Ilka por ella, que era má e fingida.

Sentado sobre o telhado do palacio, e vendo as ondas crescerem cada vez mais, Othon percebeu que ia morrer e despedio-se da vida. Poucos minutos depois, elle desaparecia debaixo da agua tumultuosa e aquelle risonho paiz tornava-se um mar em furia, nada restando do Marquez, da sua mulher e do seu palacio, Os seus visinhos, amigos, parentes e creados, victimas e testemunhas da deslealdade de Othon e de Hilda, pereceram todos tambem.

A velha sereia não deixou mais a filha subir á terra; casou-a com o formoso principe das Algas, que, á força de carinhos, conseguiu que ella se esquecesse da terra e das suas tristezas.

A Fada e o Gyrasol

Existia havia já muito tempo na floresta um pobre lenhador que tinha dois filhos: Luciano e Elza. Luciano, menino de oito annos, já ajudava um pouco o pae na labuta diaria, mas, Elza, linda creança de cinco annos, nada podia fazer senão permanecer quieta na miseravel choupana, enquanto seu pae e seu irmão trabalhavam lá fóra. Ella era para o pobre lenhador uma preocupação que o fazia muitas vezes parar no meio do seu trabalho, inquieto pela filhinha querida.

Muitas vezes não havia o menor pedaço de pão no triste lar do trabalhador, mas Luciano era tão bom e gostava tanto da irmã, que arranjava sempre meios de lhe trazer algumas fructas sylvestres que matavam a fome da pobre creança.

Um dia, o infeliz lenhador ficou debaixo de uma arvore que derrubava e quando, aos gritos de

Luciano, os outros lenhadores vieram em seu socorro, já o encontraram sem vida. O menino em lagrimas tomou sósinho o caminho da pequena choupana, onde Elza com certeza devia estar com fome e medo.

A pequena orphã, ao vel-o chegar sósinho e debulhado em pranto, quiz logo saber a razão de tamanho soffrimento. Com cuidado e procurando consolal-a, elle lhe contou a morte do pae, o que a fez chorar tambem muito, acabando por adormecer no collo do irmão, que, depois de a deitar sobre a enxerga que partilhava com ella, passou o resto do dia a pensar no que devia fazer para não morrerem de fome e de abandono. Afinal, adormeceu tambem e era comovedor ver-se as duas crianças com as lagrimas mal enxutas sobre as faces tostadas de sol, dormirem calmamente, quando a falta de pão e a miseria estendiam as suas lividas mãos sobre o mízero tecto de palha da sua choupana.

Na manhã seguinte, Luciano e Elza foram postos fóra da sordida choupana pelo proprietario, que, vendo-os sem familia e sem recursos, se recusou a fazer-lhes a caridade de um tecto.

Os dois irmãos partiram, pois, de mãos dadas pela floresta além. Luciano carregava um sacco cheio de trapos que eram as suas roupas e no bolso da blusa rasgada uns restos de pão bolorento para Elza.

A manhã estava chuvosa e fria. Um vento gelado fustigava-os por traz, fazendo esvoaçar os longos cabellos louros da menina e sacudia o chapéo

esburacado do irmãosinho. Uma chuvinha meuda enxarcava os galhos das arvores e enlameava a estrada que se tornava humida e escorregadiça.

Os pés nús de Elza, vermelhos de frio e sujos de terra molhada faziam dó. Luciano contava-lhe historias para a entreter e colhia de vez em quando as pequenas flores todas molhadas de chuva que assim mesmo ella desejava.

O infeliz menino se estivesse só, choraria como um desgraçado que era; mas, como entristecer a irmãsinha que tão confiantemente se agarrava a elle.

Depois de uma longa caminhada, escorrendo agua e a tremer de frio, Luciano e Elza sentaram-se debaixo de uma copada arvore, que os protegia um pouco da chuva, afim de comerem os pedaços de pão duro, amollecidos agora pela agua.

De tão cançada que estava, Elza adormeceu logo sobre a terra lamacenta e João, agasalhando-a com a jaqueta que despira, deitou-se tambem a seu lado. O somno dos dois abandonados debaixo da frondosa arvore foi apezar da humidade e da desolação do ambiente, calmo e reparador.

Na estrada, a noite cahia e a chuva com o seu barulho monotono de pingos de agua tombava sem cessar; os passarinhos amontoados sobre os galhos das arvores piavam tristemente e nuvens pretas como espessos e compactos véos occultavam completamente o céu. Debaixo da arvore a escuridão era completa e as crianças, abraçadas uma com a

outra, dormiam, julgando-se ainda na sua choupana, ao lado do pobre pae.

A fada dos campos, embrulhada no seu manto verde, e com um immenso girasol amarello resguardando-a da chuva, veio a passar pela floresta afim de colher novas flores sylvestres para suas grinaldas da noite. A' vista das duas crianças dormindo debaixo do copado arvoredado, ella parou admirada.

— Que lindas flores humanas! exclamou, debruçando-se sobre ellas.

Um pingo de agua que cahio do seu girasol, despertou Luciano, que avistando tão bella mulher, envolta em tão rico manto, a julgou Nossa Senhora. Ajoelhou-se então, e juntando as mãositas tremulas de frio, pedio-lhe que olhasse para a irmã e para elle e os protegesse. A fada commoveu-se e ia abraçar a infeliz criança, quando um forte ronco de trovoada assustando-a, fel-a desaparecer como por milagre dos olhos do pequeno. Esqueceu todavia, perto de Elza, ainda adormecida, o seu estrellado girasol amarello, que Luciano guardou com cuidado no seu sacco.

A claridade do dia, entretanto, apparecia agora e as duas crianças, mas confortadas embora ainda tiritantes de frio, puzeram-se a caminho. Andaram o dia inteiro debaixo de uma chuvinha fina e meada que os açoitava continuamente, comendo amoras do campo e bebendo agua nos regatos que encontravam. A' tarde, a chuva cessou afinal e de vez em quando um raio de sol filtrava por entre as

nuvens e vinha aquecer os dois desgraçadinhos. As avesinhas, mais alegres, cantavam estridentemente, saltando de galho em galho e esvoaçando de quando em quando pelo espaço claro. As flores, regadas pelas chuvas, ostentavam na sua corolla tremulantes pingos de agua que o sol refletia e que pareciam brilhantes. Elza, mais animada, apanhava pequenas violetas humidas, que, apertadas na sua mãosinha se fanavam, juncando o chão de petalas tristes. Luciano estava quasi satisfeito, vendo-a assim rir e correr.

A noite, entretanto, approximava-se de novo, e uma grande sombra entrou a estender-se pela floresta. Os passaros, em bando, recolheram-se piando lastimosamente e chamando-se uns aos outros, emquanto se fazia na floresta um immenso e grave silencio.

A menina principiou a chorar transida de medo, sem mais querer ouvir as palavras animadoras do irmão, que acabou por se calar e tremer junto com ella.

De repente, uma pequena luz que surgio de frente delles embora a longa distancia, incutio-lhes um pouco de coragem. Carregando quasi Elza, cujos pés estavam em sangue, Luciano dirigio-se cambaleando para a luz generosa que o fascinava.

Chegaram afinal perto da grande lanterna, que de longe lhes parecera uma luzinha e que fôra crescendo á medida que elles se iam approximando della. A lanterna suspensa á porta de uma casinha toda

branca de assucar e com ornatos dourados de pão de Ló, convidava-os a entrar.

Antes, porém, Luciano e Elza, famintos, tiraram dessas paredes grandes nacos do bolo saboroso misturando-os com bons pedaços de assucar, com que procuravam aplacar o formidável apetite que os devorava. Acabavam elles de pôr na bocca o ultimo torrão assucarado, quando surgio na porta uma velha horrivel, coberta de rugas e de trapos immundos, que os agarrou pela mão, brutalmente e os empurrou para dentro da casa.

Armada de um cajado, parecia decidida a quebrar-lhes os pequeninos ossos, quando reparou que as crianças eram bonitas e podiam, bem nutridas e limpas, servir para o seu jantar de domingo. Deu-lhes então uma sôpa gorda, mudou-lhes a roupa molhada, e, apontando com o seu dedo agudo e de unha saliente para uma esteira velha e rasgada, fel-as deitar.

A velha bruxa, que puzera a lanterna na porta e edificava a sua casa com pão de Ló e assucar, afim de attrahir as crianças sempre gulosas, agarra-va-as depois e comia-as com infernal e monstruoso goso.

— Estão ainda muito magrinhas, murmurava ella, lambendo os beiços, mas hei de engordal-as, e, uma vez bem nutridas, irão para o papo.

A bruxa sorria sinistramente.

No meio da noite foram as crianças acordadas com a entrada de um homem muito alto e com as

barbas tão compridas, que varriam o chão. Beijou a mão da horrível velha, indagando-lhe do que havia de novo. Era o gigante Ashaverus, que vinha todas as noites, á meia noite, cumprimentar a terrível bruxa, e surripiar-lhe alguns petiscos.

Avistando as crianças encolhidas num canto da enxerga, sorrio medonhamente, mostrando uns dentes enormes e aguçados como foices.

Luciano tapando com as mãos os olhos de Elza, para que ella não percebesse tão horrível coisa, ordenou-lhe que dormisse.

A velha acalmou a gula do horrível gigante, promettendo que o convidaria para o jantar em que aquellas crianças seriam os pratos principaes; ellas porém estavam muito magrinhas ainda; era preciso esperar um pouco.

A bruxa fallava em voz baixa, receando ser ouvida pelo Luciano, que máo grado todos os esforços que fazia para divulgar o que diziam, nada pôde escutar. Todavia, elle não estava socegado, apezar dos acepipes e manjares delicados que a velha lhes servio durante todo o dia seguinte.

Luciano não esquecera, entretanto, a linda visão da Fada dos Campos: guardava com todo o cuidado, na trouxa, o formoso girasol que ella deixara cahir. Sentado á porta da velha, elle se recordava dos louros cabellos da bella mulher, que, como raios de sol cahiam sobre o seu manto verde. Evocava tambem o seu meigo olhar azul que se empanara de lagrimas quando elle, ajoelhado, lhe

pedira protecção para si e para a irmãsita. Que fim levara tão gentil creatura! E Luciano invocando-a tristemente julgava não a vêr mais.

Havia já uma semana que Luciano e Elza se achavam na casa da horrivel megera. Estavam máis gordos, máis corados, máis aceados. A velha, cada vez que os encarava máis chamma e máis brilho ostentava nos olhos pequenos, gulosos e encovados.

Uma noite, o menino acordou e, ouvindo fallar na sala proxima, levantou-se devagarinho e foi escutar á porta. A bruxa e o gigante Ashaverus conversavam amigavelmente. A bruxa dizia:

— Amanhã, quando elles dormirem mato-os e ponho-os em vinha d'alho. Asso-os depois no forno grande e será um acepipe de mão cheia e de se lamber os beiços. Conto contigo, amigo gigante, para provares commigo desse delicioso assado.

O gigante vermelho de desejo de provar tão divino manjar, prometeu com segurança que não faltaria ao festim. E a sua voz grossa tinha tremores de alegria enquanto affirmava que não faltaria.

Luciano, encostado á porta, tremia todo, pois comprehendera logo que elle e a irmã iam ser victimas da gula da velha e do monstruoso gigante. Foi deitar-se sempre a tremer e com as mãosinhas juntas, e passou o resto da noite a reflectir sobre o que devia fazer.

Pela manhã, a velha despertou-os como de costume, com voz fingidamente meiga e maternal. Man-

dou Luciano buscar agua na fonte e encher com ella um grande tanque que havia no fundo da casa. O menino vio immediatamente que começavam os aprestos para o sinistro festim, mas obedeceu mudo e cabisbaixo.

O dia passou como de costume, mas, quando a noite veio e embrulhou a casinha da bruxa nos seus longos véos negros, o pequeno sentio que o sangue se lhe gelava nas veias. Mirou, com dôr, a irmãsinha, que, tranquilla, principiava já a sua oração da noite antes de dormir e fez um esforço para não chorar. Teve afinal que se resolver á deitar ao lado della, mas os seus olhos vivos e anciosos, seguiam todos os movimentos da bruxa. Esta, depois de os vêr socegadinhos, julgou-os adormecidos, e, munindo-se de um grande facão que brilhava como um espelho, principiou a amollal-o na pedra da la-reira.

Encaminhou-se depois lentamente para a enxer-ga, onde as duas crianças jaziam, afim de cortar-lhes calmamente o pescoço. Luciano, livido e tremulo, principiou a rezar e invocar a formosa Fada dos Campos, como fazia sempre desde que a vira. Antes de morrer, porém, quiz beijar o lindo girasol, que se escapara aquella noite das suas alvas mãos e, tirando-o da trouxa que lhe servia de travesseiro, depôz nas suas petalas amarellecidas e cheirando a rosmaninho, um beijo profundo e terno.

Ao mesmo tempo, a porta abriu-se com estron-do, e, com grande espanto da bruxa, que se ajoe-

lhara de mansinho junto as creanças, afim de melhor lhes vibrar o golpe fatal, uma linda mulher, coroada de margaridas sylvestres e envolvida em leques de palmeira, entrou sorrindo e indagando:

— Que me queres, menino! Sou a tua escrava, já que possues o girasol do poder. Ordena e eu te obedecerei!

Luciano, radiante, contou-lhe o que havia e pediu-lhe que o retirasse d'ali, a elle e a irmãsinha.

A velha, cahida no chão com as mãos aduncas agarradas ao cabo do facão, mostrava toda á verdade do que contava a criança. A fada, do seu pé-sinho embrulhado em algas, empurrou a miseravel bruxa da lareira, onde um horrivel cheiro de queimado se desprendeu logo, provando a todos que a velha carbonizada se tornara inoffensiva.

Elza, que acordara, juntou-se a Luciano, que beijava com gratidão as mãos poderosas da sua salvadora.

A linda fada, commovida, tomou-a no seu regaço e levou-os na sua carruagem de folhagens verdes e de rosas purpuras para o seu palacio de crystaes de rocha onde os educou.

Luciano tornou-se um principe celebre pela sua coragem e pela sua bondade, e Elza, sempre loura e encantadora desposou o gentil rei dos Nenuphares, que a adorou até morrer.

O Pescador

Era um dia um lindo pescador moreno e garboso chamado Helios. O mar, como uma immensa lamina de aço, brilhava ao sol, quando elle, uma bella manhã de estio, tomou a direcção do cões onde se achava atracado o seu batel.

Trazia as calças enrodilhadas por cima dos joelhos e a marcha retesava-lhe os musculos das pernas bem feitas. A camisa, vermelha e em frangalhos, deixava vêr pedaços do peito robusto e amorenado que respirava vida e saude. Um bonnet de veludo preto lavado pelas brisas marinhas, pelas chuvas inclementes e pelos sóes faiscentes dos dias de calor, cobria-lhe a cabelleira negra e annelada, que lhe cahia com graça sobre o pescoço de estatua. Mirava elle com attenção o largo horizonte, piscando um pouco os olhos claros cõr de oceano que lhes emprestara o colorido e a transparencia.

Nessa deslumbrante manhã, Helios aproximou-se do bote, retirou-lhe a corda que o prendia a um piquete travado na terra, e, sentando-se nelle, tomou os remos e fel-o deslizar lento, e suave pelas aguas espelhadas que apenas se erisavam á sua passagem. O sol dava em cheio sobre o seu rosto dourado, sobre os seus braços possantes cujos musculos inchavam e levantavam os andrajos das suas mangas com o movimento rithmado que elle fazia, manejaudo a leve embarcação.

O pequenino batel, mancha quasi indistincta na immensa superficie do mar, vagava sereno e ondulante entre o céu e as vagas que pareciam encerral-o e o quererem tragar.

O bello pescador, sempre remando em cadencia, pensava na sua vida trabalhosa, na pesca que faria aquelle dia e no emprego que daria ao dinheiro, quando a tivesse vendido. O seu olhar acariciava os ricos palacios que surgiam á beira mar, banhados pelas ondas azues que se assemelhavam a tapetes feericos e rendilhados de rendas espumantes, estendidos em torno delles. Não havia ironia nem inveja no olhar ingenuo de Helios! Sónente uma admiração instinctiva e um respeito inconsciente pelas maravilhas que os seus olhos apercebiam. A luz radiosa do dia, elle cantava e a sua canção sonora echoava pelo ambiente, acompanhada pelo marulhar doce da agua que moviam os remos. Algumas pessoas chegavam aos terraços floridos attrahidas pela voz doce do lindo pescador, mas elle, indiffe-

rente, cantava e remava sempre. Subito uma flôr vermelha voou pelos ares, bateu no peito nú do mancebo, cahindo-lhe aos pés no fundo da canôa. Helios levantou então os olhos e deu com uma rapariga, que, sorrindo, fazia-lhe signaes e atirava-lhe beijos, juntando á bocca fresca os dedos pequeninos e brancos. Erguida sobre um rochedo no meio do oceano a Filha das Vagas tinha aos seus pés milhares daquellas rosas, das quaes ella mandara uma em presente a Helios. Sob a espessa cabelleira negra que o vento sacudia como uma bandeira leve, o rosto da moça parecia uma flôr viçosa e humida. Helios vendo-a assim tão linda e luminosa, no meio das ondas que lhe rodeavam a columna de granito, julgou ser victima de uma visão. Muitas vezes pelas noites enluaradas ou á claridade crepuscular das tardes violetas, os pescadores imaginam ver sereias a deslisarem sobre as aguas glaucas ou ouvirem o seu canto melodioso e fatal que enlouquece. Todavia a immensa luz que se desdobrava aquella manhã sobre o céu e sobre a terra, fez comprehender ao bello pescador que não era um sonho nem uma visão o que os seus olhos contemplavam de pé sobre o rochedo. A filha das vagas sorria sempre e como para o attrahir atirava-lhe, á mãos cheias, rosas e mais rosas vermelhas. Uma ou outra tombavam na rêde ondulante das ondas e como gottas de sangue manchavam-lhe a côr de esperança. Helios agora não sorria mais: de olhos alargados e braços estendidos, deixava que o seu

fragil batel vogasse á vontade e se fosse esbarrar nas pontas agudas da montanha marinha. De repente, occorreu-lhe a lembrança da mãe velhinha que deixara na choupana isolada, a fiar o linho alvo dos seus lenções de noivado. Exitou, e num movimento involuntario, pegou dos remos e procurou fugir áquelle olhar de feiticeira que o attrahia como um iman. Como se advinhasse a tentação de recuo mal disfarçada pelo bello pescador, ella deixou cahir a ultima braçada de flores que as suas mãos apertavam contra o peito e pelas suas faces duas longas lagrimas correram. Helios vio tudo isso como através de uma bruma que lhe empanasse repentinamente as idéas, e quando mirou de novo o rochedo onde a formosa visão lhe apparecera, encentrou vazio, com uma unica rosa vermelha esquecida sobre a pedra. Deixou-se cahir então no fundo do batel e um soluço entumeceu-lhe o peito até então só palpitante pelos acontecimentos banaes da existencia. Insistio ainda em mirar o granito que as aguas do oceano principiavam a cobrir das suas nuvens de espuma e como a solidão era completa e o silencio absoluto, elle tomou dos remos e voltou cabisbaixo para casa, maldizendo a exitação que tivera em acudir ao chamado da encantadora Filha das Vagas.

Alguns annos se passaram e o lindo pescador, tendo encontrado no fundo do oceano uma rica e

maravilhosa perola negra, conseguiu com a sua venda uma fortuna que fôra sempre o alvo dos seus desejos. Agora, já não usava Helios a rasgada camisa vermelha que tão admiravelmente lhe fazia sobresahir o robusto peito amorenado e o rijo pescoço de estatua grega. O seu bonnet de veludo fôra substituído por um chapéo commum, e elle perdera com o vestuario moderno, a sua graça e o seu encanto de formoso pescador.

Apparecera havia alguns mézes na aldeia habitada por Helios, uma linda princeza a quem todos os homens do lugar, os ricos como os pobres, procuravam desposar. O ex-pescador, desdenhoso dessa belleza tão fallada no lugar, não a vira ainda. Entretanto, Helios tornara-se, pela sua riqueza e pela sua coragem, um dos personagens mais importantes da pequena cidade. Nunca esquecera a Filha das Vagas e procurava ser fiel a essa visão, desdenhando todas as outras mulheres. Um dia, afinal, Helios e a princeza mysteriosa encontraram-se no Vallé dos Lyrios, por uma noite enluzada em que estes, entre a verdura sombria das suas folhas, pareciam grossos pingos de leite cahidos no chão escuro. Elegante no seu habito novo, caminhava Helios pela estrada clara, quando se lhe deparou a visão suave e diaphana de uma mulher debruçada sobre o calice alvo de um lyrio perfumado. Desde esse dia perdeu o bello pescador o sorriso e a alegria. Errante como um passarinho em torno do palacio da linda creatura que avistara á

claridade opalina da lua, elle olvidou a Filha das Vagas e as suas rosas vermelhas.

Algumas vezes, a princeza avistava o seu novo adorador e um sorriso melancolico errava sobre os seus labios côr de morango. Nessas occasiões, ella tirava do seio uma rosa vermelha sempre fresca e orvalhada, como colhida no momento, e, meiga e ardente, beijava as suas petalas sedosas. Chegou um dia, em que o formoso Helios, não se podendo mais conter, bateu á porta do palacio de marmore roseo e pediu para fallar á sua dona. Esta se achava alongada sobre um espesso tapete todo branco e cercada de uma grinalda de rosas côr de purpura. Helios empallideceu, vendo diante de si as flores da sua visão, mas, olvidado da Filha das Vagas, transformada hoje na princeza mysteriosa do Valle dos Lyrios, elle se ajoelhou sobre o tapete immaculado, e pediu á bella mulher, que o mirava sorrindo, a sua mão de esposa. Serena, linda, e elevando para elle os seus olhos côr do céu, ella lhe disse:

— Oh! Quanto sinto! Quanto sinto! Não lhe posso conceder o meu affecto porque o meu coração não me pertence mais; dei-o a um lindo e pobre pescador que passou por mim um dia a cantar e se foi para sempre...

O rei da montanha de ferro

Num paiz cercado de um lado pelo mar e do outro por uma enorme montanha, vivia o rei Kahy, prisioneiro e triste. Os seus vassallos já se tinham acostumado áquelle paiz encravado entre um mar revolto e uma montanha inacessivel, mas Kahy moço e audacioso, lamentava todos os dias o seu isolamento. Nesse tempo não havia ainda navios e as jangadas que elles tinham construido, afim de explorar um pouco as immedições do lado do mar, foram destruidas logo nos primeiros embates contra os rochedos, e para a alta montanha que lhes escondia o outro lado, elles ainda nenhum remedio tinham descoberto. A vida corria, pois, para Kahy, desinteressante e vasia, e a sua linda cabeça loura pendia-lhe, cada dia mais, de melancolia e de fastio.

O seu unico divertimento era caçar e armar grandes torneios, que o fatigavam sem o distrair.

Um dia, um sabio que era muito seu amigo, fez-lhe presente de um poderoso oculo de alcance, que lhe permittiria avistar o paiz muitas milhas ao longe. Kahy ficou encantada com o presente e, desse momento em diante, o seu principal divertimento era subir á alta torre do seu palacio, situado mais alto do que a montanha intrujona, e explorar o paiz desconhecido que tanta curiosidade lhe inspirava.

Por uma manhã muito clara e ridente, o rei avistou muito longe, a passear sobre um terraço florido, uma linda moça coroada de flores e seguida de uma nuvem de passarinhos, que pousavam, ora sobre os seus hombros brancos, ora sobre os seus cabellos desfeitos. A moça abaixou-se a apanhar flores que beijava e que amontoava num açafate, que trazia suspenso ao braço. Kahy ficou louco ao ver tamanha belleza e ao sentir que nunca poderia ir ter com tanta graça e resplendor. Todas as noites, agora, subia o rei á torre, cujo pico parecia furar o céu, e de lá voltava sempre mais triste e desesperado. A linda moça apparecia-lhe ás vezes envolvida em sêdas brancas que a faziam semelhante a uma immaculada garça, esbelta e lenta como ella; outras vezes, sêdas côr de rosa a vestiam estreitamente e, tal qual uma nuvem da tarde, ella deslisava lentamente pelo terraço em flor; algumas vezes, um manto azul cobria-a cuidadosamente e ella confundia-se, então, com o céu que se desdobrava sobre a sua cabeça. E, cada dia, Kahy mais melancolico, voltava com os olhos empanados

de lagrimas contidas e com o coração repleto de amarguras profundas.

Resolveu, depois de uma noite de insomnia, reunir o seu conselho de ministros, afim de combinarem o que se devia fazer para derrubar a maldita montanha que, escondendo-lhe um lado da terra, lhe pesava tanto sobre o coração. Os ministros olharam uns para os outros, inclinaram a cabeça cheia de sciencia, mas não encontraram nenhum remedio a tão aborrecida situação. Kahy despedio-os então com um grande máo humor, e, para consolar-se, dirigiu-se á sua torre munido do seu poderoso oculo. A tarde dourada e doce vinha lentamente apossar-se da terra, acariciando os prados verdes que se humedeciam de leve, e enevoando ligeiramêntê os horizontes longinquos. Distante, muito distante, Kahy percebeu a linda mulher tornada diaphana pela luz suave da tarde, a passear embrulhada em uma túnica de prata que refulgia como uma couraça. O seu perfil puro desenhava-se nitidamente no horizonte claro, e o rei teve um gesto violento que o fez quasi precipitar-se da torre. Como se tivesse adivinhado o anelo supremo que lhe seguia os passos, a moça visou-se e o seu olhar negro como a noite alongou-se por um momento na direcção de Kahy. Este estremeceu e quasi deixou cahir o oculo, pouco seguro nas suas mãos tremulas.

Naquelle mesmo dia, elle foi procurar o sabio,

seu amigo, e chorando como uma criança, pediu-lhe conselho. Como derrubar a horrivel montanha que lhe occultava o paraizo e lhe impedia de ir ter á felicidade? O sabio pediu-lhe alguns dias de espera e prometeu que lhe arranjaría uma solução qualquer, á dôr que o minava.

Kahy voltou para o palacio mais esperançoso e quasi certo de que, em breve, veria de perto, a linda moça que tanto o torturava de longe. Com effeito, dias depois, o sabio mandou chamar o rei, que correu apressado ao seu appello. Disse-lhe, então, o amigo com voz lenta e compassada:

— Para que possas penetrar no outro lado da montanha, onde a felicidade te espera, debes caval-a com esforço e coragem, até que, uma abertura se produzindo, tu possas passar livremente para a outra banda. Que dizes do meu conselho?

— Tens toda a razão, respondeu o rei, e hoje mesmo vou começar o meu trabalho.

— Sim, tu, só tu o podes fazer e aconselho-te que nunca te passe pelo pensamento mandar outra pessoa executal-o, porque seria inutil, replicou o sabio. Um aviso, porém, te dou ainda: nunca vires a cabeça para traz durante o teu trabalho. Ouvirás barulhos, vozes, appellos, mas sê sempre surdo a tudo isso e continúa o teu trabalho, impassivel, porque do contrario a montanha se fechará diante de ti e terás de recommear todos os dias o mesmo trabalho.

Kahy prometeu ser surdo e impassivel e cor-

seu amigo, e chorando como uma criança, pediu-lhe conselho. Como derrubar a horrível montanha que lhe occultava o paraíso e lhe impedia de ir ter a felicidade? O sabio pediu-lhe alguns dias de espera e prometeu que lhe arranjaría uma solução qualquer, á dôr que o minava.

Kahy voltou para o palacio mais esperançoso e quasi certo de que, em breve, veria de perto, a linda moça que tanto o torturava de longe. Com effeito, dias depois, o sabio mandou chamar o rei, que correu apressado ao seu appello. Disse-lhe, então, o amigo com voz lenta e compassada:

— Para que possas penetrar no outro lado da montanha, onde a felicidade te espera, deves caval-a com esforço e coragem, até que, uma abertura se produzindo, tu possas passar livremente para a outra banda. Que dizes do meu conselho?

— Tens toda a razão, respondeu o rei, e hoje mesmo vou começar o meu trabalho.

— Sim, tu, só tu o podes fazer e aconselho-te que nunca te passe pelo pensamento mandar outra pessoa executal-o, porque seria inutil, replicou o sabio. Um aviso, porém, te dou ainda: nunca vires a cabeça para traz durante o teu trabalho. Ouvirás barulhos, vozes, appellos, mas sê sempre surdo a tudo isso e continúa o teu trabalho, impassivel, porque do contrario a montanha se fechará diante de ti e terás de recommear todos os dias o mesmo trabalho.

Kahy prometeu ser surdo e impassivel e cor-

reu logo á montanha, a principiar a sua tarefa. Os ministros queriam acompanhal-o e os seus officiaes sollicitos promptificaram-se logo a agir por elle, mas o rei os despedio a todos e principiou a cavar o duro rochedo, que com relativa facilidade se deixava furar. Já tinha elle trabalhado umas quatro horas, quando ouvio uma voz muito meiga chamal-o pelo nome. Sem pensar, virou a cabeça e avistou uma velha que lhe disse adeus, caçoando, e que desapareceu logo. O largo furo, entretanto, se tinha fechado e Kahy perdera o trabalho de tantas horas! No dia seguinte, o rei começou o frabalho, cheio de esperança, e já a abertura da montanha se alargava diante d'elle, quando uma fruta perfumada, jogada por mão desconhecida veio bater-lhe no hombro. Conteve-se o rei durante um minuto, mas, á segunda fructa que lhe cahio sobre as costas, elle virou a cabeça com curiosidade e vio a mesma velha desdentada e magra, que lhe ascenava um adeus entre caretas horriveis. O rochedo se tinha fechado novamente e Kahy vio diante de si a parede lisa e empedrada da montanha a tapar-lhe de novo as esperanças. No dia seguinte, mal despertou, poz-se em trábhalho, sem desanimo. Jurara a si mesma que não viraria mais a cabeça, houvesse o que houvesse. E apezar dos chamados em voz meiga e das frutas odorificas e das flores perfumadas jogadas por mãos desconhecidas, elle não se voltou e vio então alargar-se e alongar-se o furo da montanha maldita. Trabalhou o dia inteiro sem comer nem

beber e, a uma certa hora, elle ouviu um grande barulho e o resto da montanha que lhe faltava cavar cahio por si mesma, vencida pelo esforço e pela constancia do rei. Kahy avistou, então, o outro lado da terra que tanto tempo lhe fôra occulto e menos longe do que elle pensava, o terraço florido onde a linda moça passeava, deixando a brisa sacudir-lhe os cabellos que se agitavam como uma bandeira de ouro.

Kahy correu a lançar-se a seus pés, notando com muita alegria que ella já o conhecia, porque era dotada de uma longa vista e o distinguia todos os dias no alto da sua torre a contemplal-a. Declarou-lhe ella que mandara muitas vezes os seus passarinhos saberem d'elle e que o esperava áquella hora sobre o terraço florido, porque fôra informada de que elle trabalhava a furar a montanha que os separava.

Poucos dias depois, Kahy casava-se com a bella rapariga em flor, e a alegria reinava nos dois lados da montanha, cuja abertura monumental fôra toda forrada de tecidos preciosos para a passagem dos noivos.

A princeza da montanha de vidro

Havia, muito longe d'aqui, um homem que tinha tres filhos: Osman, Ahmed e Ali. Sentindo-se morrer, elle chamou os tres rapazes e perguntou ao mais velho:

— Que preferes tu, meu filho, muito dinheiro e pouca benção ou muita benção e pouco dinheiro?

Osmar respondeu com voz firme que preferia muito dinheiro e pouca benção.

O velho repetio então a mesma pergunta a Ahmed, que respondeu tal qual o seu irmão mais velho.

Ali, porém, o mais moço, quando lhe foi feita a mesma interrogação, respondeu com carinho ao pae:

— Meu pae, quero muita benção e pouco dinheiro.

O velho beijou-o então na testa com affeição e tendo feito a distribuição da sua fortuna aos dois

mais velhos, deu sómente alguns cruzados ao mais moço, depois de o ter abençoado largamente, com as suas mãos tremulas de ancião.

No dia seguinte, o velho morria, e os tres irmãos, depois de o terem enterrado, deixaram a casa, tomando a direcção da cidade visinha. Osman e Ahmed tencionavam empregar grandes negocios e o pobre Ali desejava alcançar um pequeno emprego que lhe dêsse para a sua manutenção. Caminhavam os tres irmãos por uma estrada clara, onde o céu, muito azul, parecia uma larga peça de seda esticada sobre as suas cabeças, quando viram, cahido sobre o chão, um pobre velho em farrapos. Os tres rapazes aproximaram-se, mas Osman e Ahmed, ao verem tanta miseria e tanta immundice, seguiram o seu caminho rindo e caçoando do pobre vagabundo. Ali não os acompanhou: parou e, tomando nos braços o vagabundo, procurou erguel-o com doçura. O velho suspirava, gemia e quando, enfim, se poz em pé, supplicou ainda ao rapaz que lhe apanhasse um pouco de lenha e lhe enchesse o esfuracado cabaz que rolara a alguns metros. Ali promptificou-se logo a obedecer ás supplicas do velho, mas, quando voltou com alguns pedaços de lenha que apanhara aqui e ali, já não encontrou o miseravel. Muito espantado, olhava em torno de si, quando se lhe deparou um homem de barbas verdes e cabellos da mesma côr, que o mirava por entre as folhas de um arbusto. Indagou logo d'elle se

não vira por ali um pobre velho vestido de andrajos. O homem sorriu com bondade e lhe disse:

— Não te canses em procurar o velho vagabundo, porque fui eu quem assim se transformou, para experimentar o coração dos teus irmãos e o teu. Elles são crueis e nada merecem; mas tu és um bom rapaz e podes contar com a minha protecção. Fui um grande amigo de teu pae e elle me contou o teu procedimento e o dos teus irmãos á hora da sua morte. Segue o teu caminho e, em qualquer occasião, chama o genio verde.

Ali notou, então, que elle se envolvia todo em largas folhas verdes que o faziam parecer com uma enorme arvore. E, pouco a pouco, desapareceu o velho aos olhos do mancebo. Este, não encontrando mais os irmãos, que tinham tomado uma grande dianteira sobre elle, penetrou sósinho na cidade, onde se poz logo a procurar uma collocação. Entrou, depois de muito procurar, como criado em uma pequena quinta, logar que, se não lhe rendia muito, pelo menos lhe dava casa e comida. Mudara o nome para não ser conhecido e vivia tranquillamente do seu trabalho. Ouvia fallar ás vezes, dos seus irmãos, que se tinham tornado homens ricos e occupavam posições elevadas.

Um dia a cidade despertou em grande reboliço: o rei do logar, que tinha uma filha tão orgulhosa, que não achava ninguem digno de ser seu esposo, decidira acabar com tamanho orgulho, sujeitando os pretendentes da filha a uma prova. Mandou fazer

uma montanha de crystal, tão alta e tão escarpada, que era quasi impossivel chegar-se em cima, sem o auxilio de uma escada, e, no emtanto, a escada era prohibida aos pretendentes. Tinham de subir a pé até junto da princesa, que se conservava sentada no alto, com uma rosa purpura na mão. Aquelle que colhesse a rosa seria o marido da moça.

Ali ouvio todo o murmurió que o povo fazia, do portão de sua quinta e, curioso, seguiu a multidão que se dirigia para onde estava a montanha. Numerosos principes já haviam tentado galgar a inacessivel escarpa e haviam desistido diante da impossibilidade. Uma plebe enorme rodeava os que ainda se apromptavam para a difficil subida. Ali vio, então, os seus dois irmãos que, ricamente vestidos, se decidiam tambem a tentar a escalada. Audaciosos e altivos, elles encaminhavam-se para lá, sem olhar para ninguem. D'ahi a pouco, porém, voltaram palidos e enraivecidos — nada tinham conseguido. Ali, então, olhou para o alto, onde a princesa thronava com a sua flôr rubra na mão, e teve um deslumbramento. Como era bella assim, entre o céu e o penhasco de crystal, que lhe servia de throno?

Olvidou o orgulho da moça, que assim se aprazia em crear difficuldades aos que a queriam, e, esquecendo o seu misero papel neste mundo, resolvêu tentar tambem a conquista de tão lindo thezouro. O rei tinha permittido a ascensão a todos, mas o povo, mais realista que o rei, ao ver o pretendente no

rapaz simplesmente vestido e grosseiramente calçado, quiz impedir-lhe a subida. Houve vaias, gritos, protestos e empurrões. Ali comprehendeu então que não se devia comparar com os ricos mancebos que lutavam para a conquista da real princeza, e, tristemente, se collocou num canto, com lagrimas nos olhos.

Humilhado e pesaroso, se conservava elle assim afastado, quando appareceu de subito, diante d'elle, o homem das barbas verdes. Agarrando-o pela mão, elle o levou para um canto mais distante e perguntou-lhe a razão da tristeza que se lhe lia nos olhos. Ali, hesitante, permanecia calado, com os olhos baixos, mas, o Genio, dando-lhe uma palmadinha na face, lhe disse:

— Queres subir á montanha de cristal, onde se acha a orgulhosa princeza, com a rosa na mão, não? Pois toma estes tres ovos e quebra-os á medida que as difficuldades forem surgindo.

Ali pegou dos ovos e permaneceu no mesmo abatimento. Afinal, respondeu:

— Como tentar alguma coisa com essa grosseira roupa que me cobre o corpo? Já me vaiaram e apuparam quando me apresentei.

O Genio Verde sorriu e tirando de si uma longa palma verde que o cobria, envolveu com ella o mancebo, que recuou, involuntariamente. E, de repente, elle se vio vestido com um rico gibão bordado de prata e calções de veludo branco, o que o tornava elegante e bello. Sobre os cabellos um

capacete de ouro, que reluzia ao sol, dava-lhe um ar marcial e altivo. Voltou a si, quando avistou o Genio que lhe apresentava um cavallo todo ajaezado de diamantes, que deslumbrava aos que o fixavam. Ali guardou com cuidado os ovos no bolso e, agradecendo vivamente o Genio, que já desapparecia pouco a pouco, entrou no meio da multidão, a qual não o reconhecendo e julgando-o um poderoso principe, o acclamava com vehemencia.

Ali chegou assim até o pé da montanha transparente, que brilhava ao sol como uma enorme pedra preciosa. Largou o cavallo e, quebrando então um ovo, vio logo numerosos degrãos se abrirem no penhasco claro. Esses degrãos só eram visiveis para elle e, por isso, a multidão vendo-o ligeiro e agil, principiou a acclamal-o com maior vehemencia. Elle subia, calmo e radioso, com a prataria do seu gibão illuminada pelo sol e o seu capacete de ouro refulgente. A altiva princeza, ao ver assim encaminhar-se para ella tão gentil mancebo, que parecia tão rico quão formoso, sorria docemente, fazendo votos para que elle chegasse até ella sem difficuldade. Afinal, elle surgio na plataforma lisa onde ella se achava com a sua flor purpura entre os dedos brancos. Ali curvou o joelho e recebeu com palavras de agradecimento a rosa que ella lhe entregou sorrindo. Ouvia como em sonho os gritos do povo ruidoso e os assobios dos pretendentes vencidos. O mancebo notou então que o olhar da princeza se tornara altivo e duro, mirando do alto a

multidão que a rodeava. Entretanto, elle esqueceu tudo, quando ella lhe perguntou como poderiam agora descer juntos, no meio de tão irritada multidão.

Ali quebrou, então, um outro ovo, e um lindo carro, puxado por centenaes de pombas brancas como neve, apresentou-se logo ao seu alcance. Tomaram assento nelle e, depois de voarem um instante por cima das cabeças da multidão, desceram vagarosamente, até tocarem no chão, diante do palacio do rei. O monarcha, que já se achava informado do que havia, recebeu-os com muito agrado, considerando já Ali como seu genro. Este julgando que devia dizer toda a verdade sobre a sua personalidade, quem era e o que fôra. O rei, que estava muito contente por casar a filha, declarou que o achava um bom rapaz, cheio de coração e de coragem. Mas a orgulhosa princeza, ao saber que elle se chamava Ali e que era simplesmente um trabalhador, recusou desposal-o. Ali, amargurado, ia partir chorando, quando se lembrou que lhe restava um ultimo ovo, que, talvez, o tirasse da difficuldade em que estava. Quebrou-o, então, rapidamente, e a princeza, que já se preparava para se retirar para os seus aposentos, voltou logo e, com a expressão de rosto mudada e tornada doce, cahio-lhe aos pés, pedindo-lhe perdão do seu orgulho desmedido e accitando-o como esposo. O casamento realizou-se com muita alegria e com muito luxo. Na manhã do casamento, Ali recebeu do Genio Verde a chave de uma caverna, onde havia um grande thezouro, tornando-se, assim,

o homem mais rico do mundo. Convidou os irmãos a assistirem ao seu enlace e cumulou-os de presentes. A princeza perdeu o immenso orgulho e mostrava-se doce e esmoler como o marido.

O poço da verdade

Num paiz longinquo havia entre os troncos nodosos das arvores frondosas, um velho poço que escancarava a sua guella negra e coberta de musgo. A estrada que o contornava, humida e estriada de minusculas plantas rachiticas, estendia-se sombria e mysteriosa, debaixo da cupula espessa do arvoredado centenario. O mais profundo silencio reinava naquelle recanto em que pairava qualquer coisa de religioso e de grave. Com effeito, aquelle poço que dominava aquelle canto verde, era o poço da verdade, fonte de legitimo terror para os que a temem e a parodiam.

Muitos annos antes, os habitantes do logar, ingenuos e cheios de curiosidade, corriam a consultar o vetusto poço, cuja habitante sempre os attendia com pressurosidade, surgindo de dentro da agua lobrega, sob a forma de uma formosa mulher, cuja nudez rosada e sã encantava o olhar. Esta respondia, com calma e sinceridade, ás perguntas entrecortadas

e convulsivas do auditorio enervado, sumindo-se depois atravez da agua escura, quando o silencio succedia ás indagações. E era de espantar vêr-se depois o resultado daquellas consultas credulas e palpitantes. Segundo as respostas, alguns riam, soltando pequenos gritos histericos que echoavam estranhamente na solidão humida daquella floresta isolada. Outros, tremulos e com as lagrimas a correrem sobre a terra molhada e coberta de plantas rasteiras que rodeavam o poço musguento e antigo. Depois, todos partiam e tudo retomava a sua impassibilidade e o seu mysterio e, emquanto a agua lodosa continuava dentro do bojo negro a estagnar-se côr de tinta preta, os seus consultantes, limpando o pranto ou retendo o riso, retiravam-se em silencio, desapparecendo em breve por entre as arvores centenares, que, muito unidas, pareciam um exercito gigantê a proteger-lhes a retirada.

*

*

*

Helga, a linda soberana daquelles dominios, amava pela primeira vez, desde que os seus olhos como dois brilhantes claros, lhe tinham illuminado o rosto alvo de magnolia em flor. Rodolpho, o príncipe artista caprichoso como um homem e meigo como a musica que fazia, adorara Helga; mas o tempo principiava a fazer a sua obra, destruindo esse sentimento que não dura sempre. E Helga entristecia-se... Em vão, variava ella as flores do seu penteado; em vão envolvia-se em véos multicores,

que a faziam assemelhar-se a uma formosa borboleta de verão; Rodolpho olhava-a distraído, indiferente, habituado á sua elegancia. Quantas vezes não lhe perguntara ella, com os seus largos olhos cõr de alga, fitos nos mysteriosos olhos escuros do seu artista, se elle ainda a amava ou se o seu affecto findara como findam todas as bellas coisas do Universo. E Rodolpho, afastando do rosto de Helga o olhar ligeiramente irritado e que um fastio empanava, respondera num sorriso contrafeito que a sua affeição era a mesma. E, por um segundo, a formosa rapariga o acreditara, porque se acredita sempre no que se deseja muito.

Entretanto, a vida não era de rosas para a loira Helga, de rosto de magnolia. Os dias longos e solitarios nasciam e morriam, sem que ella merecesse um carinho ou um interesse do homem por quem suspirava e a quem adorava. O futuro parecia-lhe tão triste e tão nublado como um largo horizonte cinzento e longinquo. E sobretudo a incerteza matava-a... Os seus olhos viam bem que Rodolpho não a amava mais; o seu coração sentia a frieza do d'elle, mas o seu pensamento recusava-se a aceitar tão horrivel verdade, apesar da sua consciencia e do seu orgulho lhe murmurarem continuamente que a sua grande affeição não era mais correspondida. Helga passava os dias e as noites ouvindo todas essas vozes mysteriosas que lhe mur-

muravam verdades tão duras, mas reagia recusando-se a attendel-as, crente e certa do poder da sua belleza.

Um dia, formoso entre todos, ella, que ouvira fallar do poço da verdade, resolveu que o iria consultar. Julgando que o venceria com a seducção immensa de que era possuidora, cobrio-se de perolas que brilhavam como lagrimas mornas, enfeitou-se com grinaldas de jasmims e envolvida num largo véo de prata tomou o caminho da estrada silenciosa e manchada de humidade. Ao enxergar, porém, a bocca verde e empedrada do velho poço, parou tremula e palida, levando a mão ao seio que arfava. Depois, com a pequena côr na face nervosa, tomou coragem e, rapida e precipitada, abeirou-se do poço sinistro e escuro.

Numa voz que continha soluços, formulou a sua pergunta e esperou, fitando febril a agua oleosa e torva, e aguardando a apparição rosea que lhe daria a verdade sobre o affecto de Rodolpho. A luminosa moradora do poço, núa como a verdade deve ser, e corada como as rosas que ella desperta nas faces dos que a ouvem, surgio logo serena e impassivel como o destino. Ouvio sem um clarão no olhar glauco a pergunta que Helga lhe fazia de mãos juntas, pernas a tremerem e um nó na garganta que se contrahia. Demorou um segundo a sua resposta, mirando fixamente o cume de um velho carvalho que sacudia ao vento os seus galhos curvados. Em seguida, fitando de frente os olhos empa-

ados de medo da amorosa rapariga, disse-lhe numa voz sem entoação:

— Consola-te mulher! A afeição de Rodolpho por ti não existe mais. A sua alma vòa longe e o seu coração palpita por outra.

Helga, vergou a cabeça, cujos cabellos pareciam empallidecer debaixo da sombra que os cobria, e quando a levantou para contemplar o céu, pedindo-lhe a sua maldição para aquella que lhe dizia a verdade tão crua e tão impiedosamente ouviu um marulhar d'agua que lhe fez comprehender que a habitante do poço cruel se sumira no fundo das suas ondas escuras.

Com as pernas cambaleantes e o rosto banhado em lagrimas que se confundiam com as perolas da sua tunica, ella voltou para o seu palacio branco que lhe pareceu funebre e triste como um masoléo. Ao avistar Rodolpho, estirado sobre a relva do jardim, entre as margaridas que se desfolhavam sob o seu peso, ella perdeu o pouco sangue frio que lhe restava e titubiante com os olhos alargados e a bocca mordida de soffrimento, indagou:

— Rodolpho! Rodolpho! E' verdade que não gostas mais de mim, e que outra te merece mais do que eu a adoração e a estima?

O artista, com o sorriso velhaco, no canto dos labios finos, replicou-lhe com secura e afastando-a d'elle:

— Deixa-te de tolices. Gosto de ti.

E Helga acreditou, apesar do que ouvira no Poço da Verdade.

Os dois irmãos

Era uma vez um homem que tinha dois filhos. Esse homem morava em uma bella casa de campo, rodeada de um jardim tão grande e tão cheia de flores, que vinham pessoas de muito longe para admirar-a. Depois de muitos annos passados em cultivar tão lindo jardim, o pobre homem sentio-se cansado e, chamando o filho mais velho, disse-lhe:

— João meu filho, estou velho e me sinto tão fatigado, que não posso continuar a velar e a tratar do nosso querido jardim. Entregote-o e peço que faças por teu turno o que eu já fiz. Passa as noites debaixo das arvores em uma rêde e só durmas com um olho fechado e outro aberto. Toda a cautella é pouca com os visinhos que nos querem roubar as nossas plantas.

João prometeu obedecer e, indo pendurar a sua rêde entre os galhos de uma poderosa mangueira, apromptou-se para tomar conta do opulento jardim.

O rapaz sentia-se orgulhoso e, não se podendo conter, procurou o irmão mais novo, afim de contar-lhe as honras que lhe tinham sido conferidas.

Pedrinho, sem inveja nenhuma, cumprimentou o irmão e pediu-lhe que o chamasse, se alguma vez precisasse do seu auxilio.

João sorriu com desdem ás propostas do irmão e voltou-lhes as costas.

A' noite, bem embrulhado num grosso manto, installou-se na sua rêde e principiou a contar as estrellas, que eram innumeras no céu escuro. Uma brisa fresca embalava-lhe a rêde, e os perfumes suasves dos jasmims e das rosas proximas, principiaram a entontecel-o e a perturbar-lhe as idéas. Pouco a pouco os olhos de João se fecharam, a bocca abrio-se numa respiração compassada, e o rapaz entregou-se completamente ao somno. Em vão as folhas das arvores farfalharam em cima d'elle; em vão os insectos nocturnos, curiosos zig-zaguearam por cima do seu manto, João nada via nem ouvia. As estrellas empallideciam no céu côr de opala e nuvens rosadas se espalhavam no horizonte, quando João despertou e olhou em torno. Tudo permanecia como elle havia deixado na vespera; por isso, satisfeito e altivo, procurou o pae, afim de contar-lhe que passara a noite em claro e que por isso a sua propriedade continuava perfeita como lhe havia sido entregue.

O velho elogiou-o muito e deu-lhe duas moedas, como recompensa.

Durante trez noites consecutivas João embrulhou-se no seu confortavel manto, estendeu-se na sua rêde e dormio o somno do justo... Como ao amanhecer nada via de extraordinario, cumprimentava-se a si proprio por tão louvavel procedimento.

— Isto de não dormir não me serve, dizia elle com os seus botões. De tanto passar as noites em claro é que meu pae está carunchoso e velho antes do tempo. Comer e dormir são os maiores prazeres da vida!

O rapaz esquecia que, graças ao trabalho insano do pae, é que elle pudera viver até aquella época farto, bem vestido e morando em uma bella vivenda.

Uma manhã, ao despertar, João, ao erguer-se bocejando da sua confortavel rêde, teve um sobresalto. A seus pés e em torno delle, plantas quebradas jaziam atiradas ao chão; jasmineiros com as flores maculadas poeiras enchiam as aléas do jardim; rosas vermelhas pendidas para o sólo, com as petalas em torno da raiz como grossas gottas de sangue, murchavam ao sol, evolvendo um ultimo perfume adocicado e triste.

O moço tremeu e, saltando de um pulo, pôz-se a examinar os estragos. A gramma, pisada e repisada, perdera em muitos logares o seu brilho verde, apresentando grandes manchas enlameadas. Arvores com os galhos partidos e cahidos ao longo do seu tronco tinham o ar lamentavel dos gigantes vencidos.

João comprehendeu então a sua leviandade e encaminhou-se para casa, cabisbaixo e tremulo.

O velho, ao saber do que acontecera, entrou numa grande colera e injuriando-o, retirou-lhe a guarda do jardim. Chamou então Pedrinho, o filho mais moço, e deu-lhe as mesmas ordens que dera a João. Este, amarello e cheio de rancor e de inveja, jurou que se vingaria de Pedrinho.

*

* *

Pedrinho, mais reflectido do que João, levou para a rêde a sua viola e passou a noite repinicando-a e entretendo-se com ella. Admirou a belleza da noite clara, os cantos melancolicos das aves nocturnas e não dormia. Vigilante e solícito, elle espreitava todos os cantos do jardim e, se ouvia o menor barulho, saltava da rêde e procurava saber a razão do ruido. Dormia algumas horas de dia e apresentava-se sempre alegre e bem disposto.

João enraivecia-se quando ouvia do seu quarto os sons plangentes da viola, porque elles lhe provavam que o irmão estava de guarda. Procurava um meio de se vingar de Pedrinho e não encontrava nenhum.

Durante mezes, Pedrinho guardou o jardim ao grande contento do pae, que não lhe poupava elogios nem recompensas.

Uma noite João resolveu que não mais adiará a vingança tão desejada. Depois de conferenciar com alguns amigos tão máos como elle, combinou

que introduziriam no jardim, á meia noite, um cavallo bravo, e, que este, corrido por Pedrinho, escangalharia, com certeza, nas carreiras, as plantás e arvores da formosa propriedade. Tudo tratado e combinado, João sentio-se mais aliviado.

Naquella noite, como de costume, Pedrinho se dirigio para a sua rêde, acompanhado da harmoniosa viola. As horas passavam e Pedrinho fazia gemer o seu instrumento, quando lhe pareceu ouvir passos no jardim. Erguia-se ligeiro, quando um cavallo branco em disparada passou correndo por diante d'elle. Pedrinho procurou disputar-lhe a passagem, mas o animal com um violento coice que o prostrou por terra, desvencilhóu-se d'elle e desapareceu do outro lado do jardim, depois de ter quebrado plantas, desenraizado arvores e coberto de pó os canteiros bem tratados.

Pedrinho, quando lhe voltaram os sentidos, procurou levantar-se e o fez com difficuldade. Vendo, porém, as ruinas que o rodeavam, principiou a verter lagrimas de desespero, esquecendo as dôres que sentia por todo o corpo, e que eram resultado do coice que levara.

Esperou que o dia nascesse, para informar o pae do que succedera, e foi com os olhos vermelhos dos prantos vertidos durante aquella longa noite, que elle se encaminhou para casa. O velho, ao saber do occorrido, ficou pallido de raiva e, sem ouvir as desculpas do pobre moço, que lhe promettia

arranjar de novo o jardim e pôr tudo em ordem, expulsou-o de casa.

João, escondido, sentia o coração palpitar de alegria ao vêr o irmão assim tratado. Nem o mais pequeno remorso lhe enchia a alma; a innocencia de Pedrinho, que era por elle sabida, não lhe inspirava a menor piedade pelo irmão. Foi com os olhos brilhantes que elle o vio partir com um sacco ás costas, onde levava a viola e algumas codeas de pão.

*

* * *

Pedrinho pôz-se em marcha melancolico e com os olhos marejados de lagrimas. Despedio-se da casa e do jardim mutilado, com um olhar cheio de ternura e mirou a janella do quarto do pae, com respeito e enternecimento. João occultara-se para não se despedir do irmão, mas Pedrinho só notara a sua falta para lamentar que não lhe tivesse dito adeus. A manhã era tão linda e tão cheia de sol, que o rapaz sentio que a sua tristeza se dissipava um pouco ao calor do astro rei.

As arvores, como amigas, se inclinavam á sua passagem, e elle se sentia acarinhado pelos frondosos ramos que lhe tocavam a fronte. Margaridas e malmequeres sorriam para elle das suas moitas de verdura e as aves, cantando espreitavam-n'o por entre os galhos dos arvoredos.

Pedrinho comeu um pedaço de pão, bebeu agua

numa fonte que corria entre pedras lisas e continuou a caminhar mais lepidamente e mais contente.

De repente, avistou um passarinho que uma enorme cobra magnetisava e se apromptava para engolir. A misera avesinha piava tristemente, mas encaminhava-se docil e lenta para a guela do imundo reptil. O rapaz teve do do passarinho e, enxotando a cobra, livrou-o daquella funesta fascinação. A avesinha voou alegremente e, empoleirando-se no galho de uma arvore proxima, disse a Pedrinho:

— Agradeço-te muito, meu rapaz, o favor que me acabas de prestar. Se algum dia te vires em apuros grita: «Valha-me, ó passarinho preto, que salvei no bosque», e eu te valerei.

E, saltando de ramo em ramo, a mimosa avesinha desapareceu num vôo rapido que cortou o céu azul.

Pedrinho continuou a sua viagem ao acaso, mas decidindo que na primeira cidade que encontrasse, pararia e procuraria trabalho.

O sol, cansado de brilhar todo o dia, apromptava-se para se deitar atrás das montanhas nos seus lençóis de purpura, quando o mancebo avistou á margem do rio um lindo e prateado peixe que, saltando, cahira sobre a relva das margens e que ali ia morrer, por estar fóra do seu elemento. Pedrinho se aproximou do pobre peixe e, tomando-o entre as mãos, depositou-o dentro d'agua com todo o carinho. O peixe desapareceu por um momento

entre as aguas claras, mas, vindo logo á superficie, saltitante e feliz disse a Pedrinho:

— Serviste-me, bom menino, e eu te servirei tambem. Quando precisares de mim grita: «Valha-me, jó peixe prateado, que salvei no rio claro!», e eu te valerei.

E depois de duas ou tres rabanadas de alegria, o agil peixinho mergulhou de uma vez.

Era já noite escura quando Pedrinho penetrou numa cidade tão triste e tão mal illuminada, que elle ficou attonito. As casas fechadas tinham o aspecto de casas inhabitadas e as poucas pessoas que encontrou na rua, apresentavam aspecto succumbido. No meio de uma grande praça, um soberbo palacio, cheio de estatuas, se erguia soberano; as estatuas, porém, envoltas em crêpe, que tremulavam ao vento, eram funebres e entristeciam os olhos. A primeira pessoa que encontrou, Pedrinho perguntou a razão de tão profunda magua, numa cidade que parecia tão risonha com a sua casaria branca e os seus bosques verdejantes.

O homem a quem o rapaz se dirigia, mirou-lhe bem o rosto, á luz de um lampeão mortico, e lhe disse:

— O senhor ignora que o nosso rei tem, ha um mez, a princeza, sua filha, adormecida, sem que nada a desperte? Têm apparecido aqui os melhores medicos do mundo e todos elles desanimaram. O rei

chora noite e dia, e deu ordens para que toda a cidade partilhe a sua dôr. Se alguém rir ou fallar alto é logo decapitado.

O moço agradeceu muito as informações e, como estava muito cansado, deixou-se á sombra de uma arvore e adormeceu profundamente. João, entretanto, vendo o irmão partir tão resignadamente, pediu algumas moedas ao pae e seguiu-lhe ao encalço, afim de vingar-se ainda do que soffrera durante o tempo em que elle triumphara, guardando o jardim.

Entrou na cidade atraz de Pedrinho e ouviu escondido as informações que o homem lhe dêra. Ao vê-lo adormecido, penetrou sósinho na cidade e foi direito ao palacio onde o rei carpia a filha adormecida.

O monarcha, ao saber que um estrangeiro queria falar-lhe, recebeu-o immediatamente no seu salão de honra, onde largos crêpes negros escondiam o damasco rubro das cortinas.

O rei todo vestido de negro, com as longas barbas brancas até os joelhos, esparsas sobre a tunica preta, era tragico e inspirava terror. João dobrou o joelho e declarou ao rei, em voz tremula, que um homem existia que se gabara de lhe curar a filha. E este homem dormia á entrada da cidade, debaixo de uma amendoeira. O monarcha, num gesto, fel-o erguer, e com outro gesto chamou o seu capitão de guarda. Ordenou-lhe, em voz baixa e severa, que fosse buscar o homem a quem aquelle estrangeiro se referia.

— E, terminou o rei num tom sem inflexão, se elle não cumprir o que disse, ordeno que o degolem.

João, muito satisfeito, seguiu o capitão da guarda, afim de mostrar-lhe o lugar onde dormia o homem que falara. O capitão fez-se acompanhar por muitos soldados e a comitiva assim formada, dirigio-se para a entrada da cidade.

João, depois de mostrar como Judas, o seu irmão adormecido, deixou que o acordassem e vio, escondido atraz de uma arvore, o pequeno exercito tomar o caminho da cidade.

Pedrinho, ainda estremunhado e sem comprehender nada das palavras do capitão da guarda, deixou-se docilmente conduzir pelas ruas da funerea cidade.

O dia começava a amanhecer, quando elle se achou diante do rico palacio do rei. O sol dava um ar mais alegre ás casas fechadas e ás ruas solitarias, pondo mesmo tons de ouro aos crêpes negros que envolviam as estatuas,

— Onde me levam? perguntou afinal Pedrinho.

— Não te gabastes de que curarias a princeza adormecida? responderam-lhe. Executa o que promettestes ou serás degolado hoje mesmo.

Pedrinho cansou-se de jurar que nunca dissera tal coisa; não o acreditaram. Empurrado pelos soldados, teve de subir as escadas do palacio e, quasi sem saber o que fazia, penetrou num aposento onde o espectaculo que se lhe deparou fel-o voltar á plena consciencia de si mesmo.

Deitada sobre um divan de seda azul, uma linda princeza, cujos cabellos cõr de ouro pareciam raios de sol, jazia inanimada. O seu rosto, cõr de leite, onde duas rosas se desenhavam, tinha a impassibilidade do de uma boneca.

Envolvidas em sedas e rendas, as suas mãos, como duas açucenas brancas, lhe cahiam ao longo do corpo, e os seus pezinhos, calçados de sandalias de setim, pareciam duas joias engastadas.

Pedrinho teve um tal deslumbramento, que cahio de joelhos diante da princeza. Esquecera o que o esperava, se não acordasse tão bella adormecida, e se deleitou simplesmente em contemplal-a.

De repente, uma idéa surgio-lhe na mente: o passarinho do bosque, que elle salvára da cobra, lhe promettera auxilio, desde que elle lh'o pedisse. No mesmo instante um grito lhe irrompeu dos labios contraidos: «Valha-me, passarinho do bosque. Faze com que a princeza desperte!»

Mal elle acabava de pronunciar essas mysteriosas palavras, a princeza, soltando um profundo suspiro, ergueu-se do divan, olhando com espanto em torno de si e exclamando:

— Ha tanto tempo que te esperava Pedrinho, que até dormi de tão fatigada que estava.

O moço, ouvindo o seu nome assim pronunciado, estendeu os braços para a princeza, que nelles se atirou.

Foram depressa chamar o rei, que veio correndo e que ainda os encontrou abraçados. Frauzio as es-

pessas sobranceiras brancas ao avistar a filha abraçada com um vagabundo.

A princeza, vendo que o pae não parecia satisfeito com o seu acto, foi logo lhe dizendo que Pedrinho era o marido do seu agrado e que, se não lhe fosse permittido o casamento, ella morreria novamente.

O rei vendo que outro remedio não havia se não consentir, sorriu ao seu futuro genro e ordenou grandes regosijos em toda a cidade.

Pedro, depois de deixar a linda noiva que o recolhera a um quarto do palacio, sentio-se muito triste por se saber pobre e mal vestido. Encostou-se á janella e se pôz a scismar mirando um grande lago, que entre as arvores do parque as reflectia docemente. E a idéa do peixinho a quem valera, lhe veio ao pensamento, avistando outros peixes que se deliciavam no lago, fazendo mil cabriolas.

Com toda a força do seu desejo, elle exclamou: «Valei-me! peixinho que salvei no rio claro! Dá-me riqueza, lindo castello e adorno para poder agradecer á princeza!»

No mesmo instante, elle se sentio transportado para a entrada da cidade onde, no logar em que dormira, se erguia um rico palacio de marmore. Uma numerosa criadagem o esperava na porta do palacio. Foi levado por ella para um soberbo aposento, onde encontrou tudo que era preciso para se adornar e se vestir magnificamente.

Uma vez prompto, subio para uma soberba car-

niagem, que o esperava á porta, e se fez conduzir para o palacio do monarcha.

O rei, vendo-o assim elegante e provido de luxo, consentio no casamento com satisfação. Mandou rasgar os véos negros das estatuas, despio a sua tunica preta e deu ordem para que todas as casas se abrissem e se illuminassem.

Quanto a João, este, pensando que Pedrinho tinha descoberto a sua infamia, fugio, confundido, da cidade. E quando os emissarios que Pedrinho mandara em sua procura, para com elle partilhar a fortuna, se aproximavam, João, pensando que era o castigo que vinha, fugia cada vez para mais longe, não se deixando nunca encontrar...

A Pequena Rosa

Numa casa situada no meio de uma planície, toda salpicada de margaridas frisadas, morava um casal tão pobre quanto socegado. O homem era trabalhador e tranqüillo, enquanto que a mulher, embora bôa e amante de seu marido, tinha de quando em vez, birras e caprichos que muito incommodavam o esposo.

Todas as manhãs, João partia para a floresta, afim de cortar a lenha que vendia e de cujo producto vivia, e a sua mulher permanecia sósinha em casa a arranjar o jantar que era parco mas bem feito. Um dia, João chegou á casa mais tarde e contou á esposa que se demorara um pouco mais porque estivera a contemplar um jardim magnifico, situado no alto de um outeiro, onde as rosas eram tão lindas e tão perfumadas, que toda a atmospherá em redor vivia embalsamada e inebriada. Maria es-

cutava com attenção o que João lhe dizia e, tão entusiasmado se mostrou elle, que logo a mulher resolveu que ambos iriam vêr o maravilhoso jardim. E tanto apoquentou o pobre homem durante toda a noite, para que a levasse a admirar as transcendentes plantas, que elle, aborrecido e fatigado, acabou por consentir. Na manhã seguinte, maravilhosa e rosea manhã de primavera, os dois esposos puzeram-se juntos a caminho, tão anciosos e tão ardentes de curiosidade, que nem cabeça tinham para admirar os passarinhos que, lepidos e cantantes, saltavam de galho em galho, das arvores frondosas, todas atapetadas de margaridas brancas e de violetas rôxas. Afinal, chegaram ão fim da floresta e, em cima de um outeiro todo cõberto de grama verde, avistaram um pequeno palacete branco, rodeado de rosas rubras, tão grandes e tão repolhudas, que pareciam feitas de grossas gottas de sangue. O ar, em redor, principiou logo a embalsamar e o aroma era tão suave e ao mesmo tempo tão intenso, que Maria abriu as narinas e a bocca como para tragal-o.

João parecia tambem encantado, mas mais reservado do que Maria, calava-se e mirava com attenção o palacete branco, hermeticamente cerrado. A mulher acabou tambem por notar a exquisitez e, mais atrevida do que o marido, quiz por força assenhorear-se de uma das rosas. João oppoz-se a isso violentamente, e a lucta travou-se entre os dois esposos, luta que só ceßsou com a promessa que elle

fez a mulher de um dia levar-lhe uma daquellas rosas. Elle objectava-lhe que era um perigo, assim, em pleno dia, penetrar num jardim alheio, 'onde talvez um cão feroz estivesse escondido, ou 'mesmo alguma pessoa, por traz das venezianas fechadas. Ella rendeu-se, finalmente, mas desde esse dia nunca mais João teve tranquillidade absoluta. Todas as vezes que elle voltava do trabalho, a mulher mirava-lhe as mãos e, ao vê-las vasias, fazia birras tremendas que acabavam em lagrimas e ataques. O marido, á vista disso, resolveu uma noite, apoderar-se de uma das rosas do solitario jardim.

Saltou a grade no escuro, e já a sua mão quebrava o galho de uma veludosa flor rubra, quando, de repente, o jardim illuminou-se feericamente e elle avistou á sua frente uma linda mulher toda vestida de escarlata, que, sahida de um canteiro e de entre as rosas, o mirava com colera e ironia.

— Que vieste aqui fazer, malandro? perguntou ella, fitando-o sempre.

— Em boa hora eu cá não queria vir, em boa hora eu cá não queria vir, resmungava o pobre lenhador, a tremer de medo.

E, sempre a tremer e a gaguejar, elle explicou á linda mulher de encarnado, a razão que o obrigara a commetter aquelle roubo.

A mulher já não o mirava com tamanha ira, e, no fim, quando elle terminou a sua escusa, ella lhe disse:

— Perdoo-te porque vejo que não és um la-

drão. Podia matar-te ou transformar-te num animal qualquer, para seres maltratado pelos homens, mas resolvi perdoar-te, sob uma condição. Aceitas a condição?

— Aceito tudo, respondeu o pobre homem, morio por se vêr longe daquella mulher e fóra daquellas grades.

— Então, ouve bem: se Deus te conceder uma filha, um minuto depois do seu nascimento, tu m'a trazes aqui e a collocas neste canteiro, entre essas rosas, ouviste? Se faltares á tua promessa, morrerás repentinamente, num lago de sangue rubro côr da flôr que me ias roubando.

João prometteu tudo que a mulher das rosas quiz, e, sem saber como, achou-se fóra do jardim, em caminho de casa, tendo na mão um ramallete das rosas desejadas, que deliciosamente perfumavam o ambiente.

Maria veio recebel-o á porta, attraida pelo maravilhoso aroma, e, ao vê-lo chegar com o grande bouquet das flores ambicionadas, bateu palmas de contente. Só depois de algum tempo é que percebeu a palidez e o mal estar do marido. Este, colerico e medroso, não se fez rogar muito para contar o succedido, sublinhando bem a promessa que fóra obrigado a fazer, da entrega da primeira filha que tivesse. A mulher chorou muito, mas não houve meio nenhum de convence-la de que ella fóra a unica culpada do que succedera.



Os annos passaram-se e um bello dia Maria teve uma linda menina, de cabellos de ouro e de olhos cõr do céu. Foi um momento horrivel, aquelle em que João, embrulhando a criança em um grosso cobertor de lã, sahio com ella em direcção ao magnifico jardim das rosas rubras. Este se achava no mesmo estado em que elle o deixara no ultimo dia em que lá estivera.

Silencioso e solitario, rodeado sempre de rosas vermelhas e transcalantes lá estava, hermeticamente cerrado, o palacete branco.

João dirigio-se, a tremer, para o canteiro em que vira a linda mulher de encarnado, e, entre as rosas sanguinolentas, depoz o pequeno embrulho, que principiou a se mexer e a chorar fracamente. Com lagrimas nos olhos, o bom lenhador retirou-se, mas não se pôde conter que, ao chegar ao portão não se virasse para contemplar pela ultima vez a cabecinha loura da sua filha, entre as prégas do cobertor. Vio, então, uma mulher de vermelho surgir do canteiro e tomar nos seus braços a criança e cobril-a de beijos. Sobre a cabeça das duas, petalas rubras de rosas desfolhadas por mãos invisiveis choviam sem cessar.

Mais consolado, João tomou a direcção da casa, onde encontrou a mulher chorando e se lastimando. Pouco tempo depois elles se mudavam para outra terra e a casinha ficou abandonada e melancolica,

no meio da planície salpicada de margaridas frisadas.

A mulher de encarnado creara, entretanto, com muito carinho, a pequena Rosa, nome que lhe dera por estar ella ali por causa de uma rosa. O palacete, sempre fechado outr'ora, abria agora largamente as suas janellas ás brisas da tarde e ao perfume intenso das rosas côr de sangue. Rosa fôra dotada de uma voz melodiosa, de uma larga cabelleira de ouro e do perfume inebriante das flores do seu nome. Ninguem passava perto do maravilhoso jardim sem parar, enlevado pela voz da menina a cantar na janella, com a sua cabelleira feita de raios de sol e envolvida de perfumes trescalantes, que se evolavam della.

Rosa gozou de uma felicidade immensa até o dia em que as rosas, com inveja da sua belleza, resolveram intrigar-a com a mulher de encarnado. Esta acreditou em tudo e, querendo punir a pobre menina, ergueu, num segundo, no fundo do jardim, uma alta torre de marfim e nella encerrou a innocente Rosa. Todas as noites, ao toque da meia noite, a mulher de encarnado gritava para a sua prisioneira:

— Rosa, ingrata Rosa, deixa tombar a tua escada de ouro, para que eu te possa ir ver.

Rosa punha-se á janella, deixando pender para o lado de fóra a sua dourada cabelleira, e por ella a sua protectora subia e levava-lhe os alimentos e as injurias.

Muito tempo esteve a innocente menina assim

presa, e o seu unico divertimento era cantar as canções favoritas. A sua voz era tão melodiosa que no jardim os passarinhos faziam silencio para escutal-a. O principe Celio, que andava caçando um dia na floresta, ouviu aquelle canto melancolico, e, involuntariamente, foi avançando até que se achou ao pé da torre onde Rosa, á janella, cantava, muito linda, sob as suas madeixas de ouro, que luziam ao sol.

Ali permaneceu o principe até alta noite e vio, então, a mulher de encarnado, munida de uma cesta, entoar o seu hymno acostumado:

— Rosa, ingrata Rosa! deixa tombar a tua escada de ouro, para que eu te possa ir ver.

E o principe, deslumbrado, avistou, á luz da lua clara, a comprida cabelleira de ouro ondular, tremer e despencar-se ao longo da torre de marfim. A mulher de vermelho subio por ella e desapareceu dentro da torre, da qual partiram em seguida gritos e gemidos. Era a razão acostumada, de injurias, que a mulher de encarnado servia á pobre Rosa.

No dia seguinte o principe, apaixonado e apiedado pela linda prisioneira, repetio o dito que ouvira na vespera, da rubra megera:

— Rosa, ingrata Rosa! deixa tombar a tua escada de ouro, para que eu te possa ir ver.

Era meio dia, e, por isso, Rosa attonita e trememente diante daquella visita desacostumada, deixou pender desesperadamente a cabelleira de ouro que se despencou la de cima como uma cascata dourada.

O principe subio por ella e Rosa, ao avistar em logar do rosto colerico da sua protectora, a bella physionomia de Celio, cahio-lhe nos braços chorando de alegria.

Estavam elles tão estretidos na sua paixão, que só levantaram a cabeça quando avistaram, entrando pela janella da torre, uma monstruosa ave vermelha, que, atirando-se ao principe, lhe fincou o bico agudo nos olhos, furando-os. Em seguida, dirigindo-se à innocente Rosa, cortou-lhe os cabellos com a ponta acerada da lingua e, soltando depois grunhidos roucos, que se assemelhavam a rancos de trovão, desapareceu pela mesma janella por onde entrara.

O principe e a sua companheira sentiram logo que o chão lhes fugia debaixo dos pés e viram-se, em seguida, jogados a uma grande distancia.

Por traz delles a torre tombou com grande ruido, tornando-se em breve um montão de ruinas. Rosa de mãos dadas com o principe cego, achou-se no meio da floresta, já escura aquella hora. A sua afflicção era tamanha, que, abraçada com o principe, debaixo de um velho carvalho, ella entrou a soluçar com violencia.

Uma das suas lagrimas cahio sobre os olhos de Celio e no mesmo instante elle recobrou a vista. Então, no cumulo da satisfação, elles se puzeram a rir e a saltar de alegria, emquanto que os cabellos de Rosa, acariciados pelo principe, começaram a

crescer tanto, que, em poucos instantes, readquiriram a sua antiga belleza.

Felizes e satisfeitos fugiram ambos para o reino de Celio, onde se casaram e onde não era permitido plantar uma unica rosa vermelha.

O filho do Pachá

Era um dia, em Bagdad, um pachá indolente, inimigo do trabalho, mas exigente quanto ao trabalho dos seus subditos. Quando chegava a occasião do pagamento dos impostos, aquelles que os não podiam fazer, eram sovados sem misericordia e sem piedade, até arranjam o dinheiro necessario a essa contribuição. Possuia esse pachá, que se chamava Ahmed, uma filha linda, mas tão preguiçosa e inimiga do esforço como o pae. Passava ella o dia inteiro a correr as casas das companheiras, tagarelando da manhã á noite, comendo doces, e tomando sorvetes. A felicidade de Ahmed e de sua filha Amina, era perfeita e absoluta. Entretanto, nada dura sobre a terra, e um bello dia o sultão, encolerizado por qualquer falta insignificante do pachá, ordenou que o desterrassem para muito longe de Bagdad. La seguem pelo deserto afóra, Ahmed e Amina, no cen-

tro de uma larga caravana de negociantes. O sol bate em cheio na areia ardente do deserto e o pae e a filha, lastimam baixinho a sua miseria e o seu abandono. Afinal, pallidos, febris e cobertos de chagas, chegam os dois desgraçados em Damasco, acolhendo-se do frio da noite na soleira de uma porta.

No dia seguinte, Ahmed começou a procurar trabalho, mas, como elle nada sabia fazer, voltou para a porta, onde ficára durante todo o dia a formosa Amica, trazendo sómente um pedaço de pão, que arrancára da guella de um cachorro faminto como elle. Pelas horas tristes que se escoaram, o ex-pachá, lamentou angustiosamente a sua preguiça e a sua inhabilidade. Envolvida numa capa escura, a filha jazia num canto gemendo e tiritando. Afinal, Ahmed, vendo que não podia continuar naquella porta, assistindo ao soffrer de Amina, resignou-se a pedir uma esmola. Ao encontrar uma velhinha que sahia de uma loja, elle lhe estendeu a mão que tremia e a anciã depositou nella algumas moedas, que pareceram ao desgraçado uma fortuna.

Vinha elle, cabisbaixo e humilhado, pela rua, quando avistou um homem que, rodeado de jarros de azeite, pedia outros homens para os levarem ao seu destino. Ahmed offereceu-se logo, satisfeito por se lhe deparar uma occupação. Mas, sem geito e des-acostumado do trabalho, vemol-o tropeçar, cahir, despejando na calçada todo o conteúdo do jarro. O homem obrigou-o a pagar o oleo derramado e, deste

modo, privou logo o infeliz de muitas das suas moedas.

Fez-se, então, Ahmed, barbeiro, mas, ao primeiro freguez que lhe appareceu, elle cortou uma orelha, o que o forçou a fugir para o campo com a triste e chorosa Amina. Deus, apiedado da sorte do pae e da filha, fez com que elles encontrassem um fazendeiro dotado de bom coração que os tomou a seu serviço, Ahmed, como pastor dos bois e a filha, como guardadora das brancas ovelhas do seu numeroso rebanho. Mais tranquillos agora o ex-pachá e a rosa Amina, começaram a viver e a trabalhar, tendo garantido o tecto e a comida. Das lãs das ovelhas, a moça aprendera a tecer mantos de inverno para si e para o pae, confeccionado tambem com estas, tunicas alvas que lhe cobriam o corpo esbelto. Um dia Osmar, o pallido e lindo Osmar, filho do pachá que succedera a Ahmed, veio a caçar na floresta e, avistando á margem do rio, Amina, que trançava os louros cabellos e os semeiava de margaridas, sentio um deslumbramento e jurou que a tomaria como esposa, houvesse o que houvesse. Voltou para a casa com essa idéa fixa na cabeça e, choroso e meigo, narrou á mãe o seu desejo, que, certamente, encontraria opposição no pae. A seductora Amina não passava, afinal, da filha de um réles pastor de gado! Todavia, como a illustre senhora adorava o filho, ella mesma foi procurar o marido, que declarou com grandes gestos, que nunca permittiria um tal crime contra a sua dignidade de

pachá. Osmar então mais branco que um lyrio, resolveu matar-se, enforcando-se nos cordões de sêda dos seus calções côr de perola. A mãe, entrando no quarto, cheio de pelles espessas, de almofadas fôfas e de cortinas de velludo, que faziam do aposento de Osmar um ninho alcatifado e morno, surpreendeu-o no momento em que elle se ia pendurar no laço fatal que o conduziria, pelo pescoço, á eternidade. Soluços, gritos, appellos, tiraram do divan onde dormia a sésta o velho pachá e a numerosa criadagem do palacio. Osmar foi estendido desmaiado sobre o leito juncado de petalas de rosas e, quando voltou a si, encontrou junto do seu travesseiro a cabeça do pae, curvada e arrependida. Deu-lhe logo a mãe a boa noticia, de que o pachá concedera a licença que elle lhe pedira, para desposar a filha do pastor. Num instante, a physionomia do moço recobrou a sua doce expressão habitual e, procurando entre as suas «toilettes», a que melhor o enfeitaria, elle escolheu uma côr do céu, em que os bordados eram estrellas d'oiro.

No seu barrete claro que flores ornavam, elle parecia um principe, um heróe, um deus. Em cima de uma mula luxuosamente ajaezada de prata que scintillava á luz do dia, tomou Osmar a direcção da Floresta, onde vira a encantadora Amina enfeitando-se á beira do rio. Nessa hora, ella lá não estava, mas, sim, o pachorrento Ahmed, que, deitado sobre a herva, fitava o céu, scismando na sua decadencia e na sua triste sina. Osmar, respeitoso e

amigo, pediu-lhe a mão da sua bella filha, declinando-lhe os seus titulos e as suas qualidades. Ouvindo o nome do seu substituto, o ex-pachá empallideceu, mas, firme e breve, declarou ao apaixonado mancebo, que só daria a filha em casamento a um homem que soubesse trabalhar e tivesse meios de vida seguros e decisivos. O filho do favorito sultão, ajoelhou-se aos pés do grosseiro pastor, mas este foi inexhoravel nos seus propositos. Mais pallido do que os raios da lua, que acompanhava a sua volta, Osmar voltou para o seu palacio, cahindo em lagrimas sobre o regaço da sua progenitora. O pachá muito alegre com o desfecho do negocio, comeu, bebeu e dormio esse dia como um bemaventurado. O filho, porém, chorou toda a noite e, na manhã seguinte, despertou doente.

No seu cerebro agitado pela febre, uma idéa todavia germinou, que o fez erguer-se, vestir-se e sair do palacio sem ser visto. Uma vez fóra dos dominios governados pelo pae, trocou com um camponez as suas vestes faustosas, envergando o modesto trajo do trabalhador e, assim vestido, foi apresentar-se como moço de cavallariça numa fazenda proxima. A sua intelligencia, a sympathia que inspirava e o amor que tinha á linda moça desconhecida, ajudando o seu orgulho de triumphar, fizeram com que Osmar agradasse em extremo ao dono da casa, ao qual se alugava. A' noite, voltava para o palácio, lavava-se, mettia-se numa rica vestimenta, e, cotado, alegre, esfomeado, elle despertava os sorrisos

da mãe e do pae com a sua alegria e o seu bom humor. Trabalhou elle assim um mez, esforçando-se, suando, agradando ao seu patrão que o estimava já e o considerava muito. No fim desse tempo, elle pediu um certificado ao juiz do seu trabalho e, munido desse papel em que estava escripto que elle era perfeito de pertinacia, de fidelidade e de sciencia na arte de tratar dos cavallos, voltou Osmar a procurar Ahmed e a pedir-lhe a mão de Amina que, dessa vez, lhe foi concedida. O seu entusiasmo não conheceu mais limites, quando soube que a sua amada era filha de um ex-pachá e que a sua formosura era mais completa, vista de perto, que de longe, o que é raro.

Quem ficou mais satisfeito do que elle, ao saber que a sua nóra pertencia a uma illustre familia, foi o pae que, nesse dia, comeu, bebeu e dormio mais do que de costume. Ahmed ensinou sempre aos seus netos que o habito do trabalho é um dos primeiros habitos que se deve adquirir. Pobre frei Thomaz!

O Enforcado

Era um dia um menino pequeno como uma garrafinha de agua de Caxambú. Quando viera ao mundo, todos suppuzeram que não permaneceria nelle, tão minguado surgira a pobre criança á claridade do dia. Entretanto, Luizinho, mostrou que não abandonaria facilmente a terra e, graças aos cuidados da mãe e as sacudidelas do pae irascivel e be-berrão, elle se foi creando e desenvolvendo, em astucia, em energia e em força. Quando a mãe morreu de um formidavel ponta-pé que lhe déra o marido, Luizinho chorou pouco, mas decidio fugir de casa, logo que o esquite materno desaparecesse entre as mangueiras da estrada que levava ao cemiterio. E assim fez o infeliz menino, tão pequeno, que o menor matto o engulia e o mais modesto riacho o afogava. Era meio dia e todos os sinos o procla-

mavam na aldeia, illuminada pelos raios ardentes do sol.

As paredes brancas da casaria faiscavam, fazendo piscar os olhos de quem as fitava e, das arvores, os ramos verdes scintillavam como prata. No centro da planicie, aos pés das montanhas cobertas de vegetações, um magestoso rio corria mansamente, fazendo deslisar pelas suas ondulações, algas esparramadas, finos troncos de arvores e uma ou outra folha arrancada dos galhos pelo vento da noite. Luizinho, miudinho, imperceptivel quasi, no meio da immensidade dos campos, poz-se a caminho, sem obedecer a nenhuma direcção nem orientação. Embrulhado numa velha jaqueta do pae, que lhe occultava a nudez e com a cabeça, sem outra cobertura senão a da sua cabelleira negra, lá ia a misera criança pela estrada afóra assoviando e mirando os passarinhos que esvoaçavam de galho em galho. Completára elle cinco annos de idade na primavera, mas crescera tão pouco, que ninguem poderia suppôr que elle os tivesse.

A' medida que caminhava, Luizinho sentio appetite, e levantando os olhos para as arvores, procurou nellas algumas fructas que lhe pudessem encher o estomago esfomeado. Calmas, immoveis, á luz solar, ellas não mostravam pendentés dos seus galhos, nenhum fructo verde ou maduro que pudesse satisfazer a criança. Sómente, uma avesinha piava dolorida e triste entre algumas folhas verdes. Luizinho, esquecido da fome que lhe principiava a mor-

der as entranhas, indagou do pobre passarinho porque se lamentava assim tão angustiosamente, quando o sol luzia tão bello e toda a natureza rutilava ao seu calor. Espantado a principio por aquella piedade com que não contava, pois a ave dos campos conhecia bem a maldade humana, ella acabou por dizer ao menino, virado para o seu galho: «Tenho necessidade de comer para não morrer e, com a aza partida pela pedra de um garoto que aqui passou hontem, eu estou impossibilitada de voar para procurar um alimento.»

O pequeno, compassivo e bom, foi procurar alguns grãosinhos que encontrou num arvoredor proximo, e subindo rapidamente até o galho em que se balançava o passarinho ferido, deu-lhe de comer, procurando igualmente concertar-lhe a aza mutilada.

A ave, de tão contente que se sentia, já cantava e o seu canto era um hymno de graças ao gentil Luizinho. Depois, como o menino descia da arvore em que ella permanecia satisfeita e consolada, a ave lhe disse: «Menino, você é caridoso e bom. Eu lhe agradeço os seus cuidados e o seu gesto de generosidade, trazendo-me do que comer. Quando um dia você se sentir em perigo, chame pelo Cinzento e eu o servirei». E como o menino cambaleasse de fraqueza, nas raizes da arvore que o resguardava, Cinzento ensinou-lhe que ali mesmo, um pouco mais á esquerda, havia uma frondosa goiabeira cheia de fructos vermelhos e saborosos.

Luizinho correu ao ponto que o passarinho lhe indicara, e encontrou de facto umas polpudas goiabas que lhe mataram a fome. No entanto, elle se sentia deveras fatigado e por isso resolveu repousar alguns instantes debaixo de um pé de mangericão, que trescalava um aroma agreste e doce. Uma folha de goiabeira servia-lhe de travesseiro e uma alga, que elle pescou á beira do rio, de coberta. Para onde elle ia, o pobre Luizinho não tinha muita pressa de chegar, pois a ignorancia sobre o seu destino era completa na alma do infeliz abandonado. O silencio que o rodeava, o cheiro das plantas do matto, o marulhar das ondas do rio sobre a areia, tudo levou o pequeno Luizinho a conciliar o somno. Enquanto elle dormia, occulto sob a alga verde que o cobria, a floresta se animava. Anões barbados sahiam das grutas dos rochedos, mulheres de longas cabelleiras, das cascatas que corriam das montanhas. Um exercito de formigas passeava pela estrada carregando viveres e insectos e immundos sapos negros de olhos esbugalhados coaxavam lastimosamente, saltando de pedra em pedra. As cigarras ciciavam chamando umas ás outras em *psius* estridentes e as borboletas, espalmado-se no ar placido da tarde, assemelhavam-se a flores sem haste.

Todo esse povo da floresta conversava, ameaçava-se, assassinava-se. Os anões, com os seus pés verdes, tentavam matar as formigas que lhes mordiam os tornozellos e as mães d'agua, de compridos cabellos que pareciam mantos, procuravam apri-

sionar as borboletas que as vezes adejavam sobre ellas. Os batrachios repellentes, saltavam uns em cima dos outros, rolando em conjuncto pelos declives da estrada. Luizinho dormia sempre... Subitamente, ao cantar mais forte de um alegre grillo, elle abriu os olhos e mirou em redor com inquietação e espanto. O sol sumira-se atráz das altas montanhas, deixando um pouco de carmin no canto do horizonte por onde desapparecera. Uma bruma côr de cinza descia sobre a floresta e debaixo das arvores, o escuro se fazia. Luizinho bocejou, envolveu-se mais estrictamente no *paletot* paterno e depois de estirar os membros fatigados da longa immobibilidade, ergueu-se num pulo e pôz-se a correr pelo caminho, para restabelecer o equilibrio da sua circulação. Elle avistou ainda um anãosinho que fugia apavorado para o seu esconderijo e a alvura deslumbrante de dois braços femininos que se sumiam entre as catadupas espumantes das aguas da cascata. A criança, porém, não comprehendeu nada do que via... Espantaram-lhe mais as negras filas das formigas carregadeiras, e um calefrio lhe correu pela espinha, ao sentir o gelado e viscoso contacto de um sapo, que saltou com a sua approximação. Já algumas estrellas brilhavam no céu e a floresta, toda escura, incutia terror, quando o menino ouviu uma voz que sahia de um montão de folhas seccas: «Soecorro, que eu morro abafada!»

Luizinho aproximou-se e escutou o que lhe diziam: «Menino, eu sou a Fumaça, que retida pelo

peso que me acabrunha, não me posso elevar pelo espaço, como me pede a respiração. Se continuo aqui, morro certamente abafada».

Luizinho era pequenino, mas era piedoso. Com as suas mãosinhas do tamanho de colheres de café, vemol-o apartar a folhagem e dar livre curso á Fumaça, que, em volutas, subio logo pelo espaço livre diante della. Antes porém de desaparecer entre as nuvens que a esperavam, ella gritou para o menino que, parado, a contemplava absorto:

— « Menino, eu te agradeço. Se algum dia precisares de mim, chama-me e eu te acudirei, esteja eu no logar mais alto do céu».

Não tendo mais nada que vêr, Luizinho continuou o seu caminho e, em breve, elle se achou diante de uma cidade tão brilhantemente illuminada, que a criança teve de fechar um instante os olhos, como deslumbrado. Foguetes em chammias corriam pelo ar e rodas de fogo rolavam pelo chão. O carrilhão tocava ruidosamente e os tambores rufavam sem cessar. Luizinho parou e teve vontade de recuar, diante de tanta luz e de tanto ruido. Entretanto elle era corajoso e a curiosidade foi sempre o vicio das crianças e das mulheres, como a maldade o é dos homens. O menino observou, no entanto, que as ruas estavam completamente vazias e que a unica criatura humana que se achava ali era elle. Que queria dizer aquella solidão numa cidade quando tudo nella brilhava e se movimentava? Muidinho, silencioso, o pequeno principiou a passeiar

e a dar fé do que havia. Em toda a parte, a mesma quantidade de luz, os mesmos foguetes, as mesmas rodas, os mesmos tambores e, sobre tudo isso, o badalar grosso do carrilhão. As casas de janellas cerradas, não deixavam apparecer a menor cabeça curiosa e, só ao longe, no cume de um morro, Luizinho avistou um castello tão acceso, que parecia incendiado.

Luizinho comeu uma goiabada que guardára no bolso da jaqueta, sorveu do calice de um jasmin o orvalho da noite depositado nelle e, esperto, audacioso e animado, foi em direcção ao castello que lhe attrahia a curiosidade. Andou muito o pobre pequenito e já os pés lhe começavam a doer, quando elle chegou á porta do palacio illuminado. Procurando esconder-se atraz de um pé de rosas, cuja folhagem copada promettia-lhe inteira securidade, o menino avistou o que se passava na sala, da qual as janellas e portas estavam largamente abertas. Um homem enorme e coberto de uma roupa vermelha recebia os seus convidados em companhia de sua esposa, tão pequenina, que elle a collocava sobre a palma da mão, enquanto conversava com as visitas. Sobre uma mesa immensa, os pratos de assados chamaram a attenção do menino que estremeceu reconhecendo, nestes, as formas de crianças mortas para satisfazerem a voracidade do gigante Johannes, nome do dono da casa.

Estava Luizinho muito entretido em admirar o que se passava no vasto salão do gigante, quando

um enorme cachorro o pegou entre os dentes e, sem lhe fazer o menor mal, carregou-o, deixando-o cair aos pés de Johannes que, surpreendido, soltou um hurro que pasinou e immobilizou a todos.

Mais morto do que vivo, Luizinho ergueu-se como ponde do chão em que rolára e pondo-se sobre as suas perninhas de boneco, encarou o gigante que, depois de cuspir para o lado, perguntou-lhe quem era e o que fazia ali.

— Sou Luizinho, o filho da fallecida Maria, respondeu o pequeno em voz clara. Vim até cá por causa da illuminação.

Todos os convidados de Johannes cercavam agora a criança que sorria para a mulhersinha sempre sentada sobre a palma da mão do esposo. Constatava elle com grande prazer que eram ambos do mesmo tamanho.

O gigante mirava agora Luizinho com ironica maldade. Teve impetos de afundar-lhe no pescocinho fino o enorme punhal que se pendurava a seu lado. Mas a vista do sangue podia perturbar os seus amigos.

Melhor seria reservar para mais tarde o castigo que elle daria áquelle ousado, que, não só lhe penetrava em casa sem licença, como tambem não deixára um só instante de lhe mirar a esposa com enlevo e interesse. Não perderia por esperar.

— Esteja em sua casa, senhor Luizinho, disse elle ao menino encantado por se vêr tão bem tratado. Danse, coma, admire as luminarias da cidade

que só aquelles, que eu permitto podem vêr, concluiu Johannes, com um máo sorriso no canto da bocca de labios grossos.

O pequeno não deixou de reparar no sorriso do seu hoteleiro, mas inconsciente do perigo que o ameaçava, começou a percorrer as salas do luxuoso palacio, cuja pompa o espantava. De repente, elle ouviu que o chamavam e, virando-se, encontrou-se com a esposa do gigante, que, com um dedo na bocca, pedio-lhe silencio. Passando rapidamente por elle, a mulhersinha, muito graciosa na sua pequenez, disse ao menino: «Cautela! Ouvi darem ordens para que não te escapes d'aqui. Amanhã estarás frito, no prato de ouro, tal qual aquelles outros meninos que contemplastes sobre a mesa». Luizinho sentio um frio interno que o gelou até os ossos. Morrer assado como os frangos e como os porcos que a mamãe cosinhava! Ah! nunca! nunca! Elle sahiria d'ali e levaria comsigo a mulhersinha pequenina, cujo tamanho condizia tão bem com o delle.

A noite passou-se em ruidosa festa e em bebidas e comidas sem interrupção. De repente, o gigante deu um grito rouco e todas as luzes se apagaram como por milagre. No escuro e em silencio, as visitas foram sahindo, umas subindo em *landaus* puxados por elephantes que galopavam como cavallos arabes e outras sobre as azas de aguias e de corvos que, em vôo rapido, desappareciam no espaço. Em breve só Johannes, a esposa e Luizinho se acha-

vam no castello. O gigante espreguiçou-se com barulho, chamou um negro espadaudo e feio como um macaco e, procurando fallar-lhe baixo ao ouvido, gritou-lhe que no dia seguinte, pela madrugada, enforcasse numa arvore do parque, aquelle mesquinho hospede e intrujão, que se intromettera pelo seu castello a dentro. Luizinho ouviu o que Johannes julgava ter dito sómente ao criado, e elle e a mulhersinha, sentada agora sobre a espadua roliça do marido, trocaram um olhar de angustia. Entretanto, o menino, recusando o cangirão de vinho que o gigante lhe offerencia, foi se deitar numa agua furtada, cuja porta ficou guardada pelo negro horrendo. Luizinho não pode fechar os olhos toda a noite, e, quando o sol ameaçou apontar entre os morros, elle ouviu a voz do negro que o interpellava, já munido de uma grossa e reluzente corda. Tremula e gelada a criança o acompanhou.

Nos campos tudo era perfume, frescura e colorido... Nos canteiros as margaridas estatelavam-se ao frescor matinal e as rosas faceiras, abriam lentamente as suas corolas á espera dos raios do sol, que não tardariam em vir beijal-as. Ao lado do negro, que o segurava pelo pulso, o pequeno marchava, procurando acompanhar o melhor que podia, as largas passadas do seu conductor. A sua mão-sinha estava gelada dentro da grossa pata cabeluda, que servia de destra ao ourangotango que imitava o homem. Chegaram afinal ao velho cavallo que serviria de força ao infeliz Luizinho. A'

luz alvacentá da madrugada, elle parecia escuro e tetrico como uma verdadeira força. Num segundo, foi o menino atado e pendurado a um dos galhos da arvore fatal, mas, quando o negro impassível e indifferente, o avisou que ia puxar a corda, Luizinho supplicou-lhe que lhe permittisse fazer o signal da cruz. O carrasco hesitou em conceder esse supremo favor á desgraçada criança que ia morrer, mas, enquanto elle hesitava, á memoria de Luizinho despertou a visão de um passarinho que pulava sobre a sua cabeça, e elle se recordou do Cinzento, e das suas palavras. Num segundo, a evocação foi feita e, quando o horrivel algoz se apromptava para dar o golpe final, sem mais misericordia, uma ave de bico agudo e ligeira como o vento, furou-lhe ambos os olhos. O negro soltou um gemido angustiado e cahio por terra, vencido pela dôr. Então, veloz e em silencio, Luizinho desatou as cordas que o prendiam á arvore e, sem dizer adeus ao seu quasi assassino, fugio d'aquelle canto sinistro, depois de ter com, com um longo olhar, agradecido ao seu bom amigo Cinzento.

Eil-o de novo em liberdade pela floresta, onde colhe flores sylvestres, amoras e bebe o orvalho fresco contido nos calices dos nenuphares. Uma idéa, entretanto, o persegue e o acabrunha: a separação de, com a mulhersinha do gigante, pequena victima cujos olhos tristes e bocca sem sorriso, gritam bem o seu infortunio e os seus máos tratos. Luizinho lêra tanta tanta compaixão por elle nos

olhos da pobresinha que, agora que está livre, o seu dever é correr a salvá-la. Voltou, pois, para o palacio do cruel gigante, prompto a dedicar-se ao salvamento da desgraçada esposa do monstro. Encontrou ainda pela estrada a esbravejar e a blasphemar, o horrendo negro, cuja cegueira o impedia de conhecer o caminho. A passos lentos e surdos, o menino passa adiante d'elle e se vê de novo á porta do castello, só illuminado agora pela luz solar.

No peitoral de uma janella, entre um vaso de lyrios alvos e outro de papoulas vermelhas, achava-se sentada e tristemente pensativa, a mulhersinha do gigante. Nos seus olhos havia traços recentes de lagrimas e na sua bocca, pequenina como um botão de rosa, um amúo de desgosto. Ao ver, firme nas suas perninhas de boneca, Luizinho, que ella julgava morto, a mulhersinha estremeceu. Com um gesto pediu-lhe que esperasse e, descendo, agil e rápida, pelo fio da teia de uma aranha, em breve ella chegou ao lado do menino que lhe contou então o acto do passarinho e o proposito em que estava de não partir d'ali sem a levar. Uma chamma de esperança brilhou por um instante nas faces rosas de Sybilla, nome que ella confessou ao companheiro ser o seu, nome que o gigante lhe retirara quando a raptára, para substituil-o pelo de Patativa. Poucos segundos, todavia, a esperança relampagueou nos olhos de Sybilla, porque ella comprehendeu logo a difficuldade de uma fuga com

Luizinho, ambos pequeninos, fracos, abandonados de todos. O menino, entretanto, não perdia a coragem. De repente, elle se lembrou da Fumaça, que lhe promettera protecção e apoio e, invocando-a, immediatamente, com grande surpresa da mulhersinha amedrontada, uma nuvem de fumaça escura, densa como um véo, penetrou no castello, envolvendo-os de todos os lados. Ouviram de todos os lados, do esconderijo onde se recolheram, as vozes abafadas do gigante e da criadagem pedindo soccorro; mas, depois tudo recahiu no silencio, só se sentindo um nauseante cheiro de fumaça que, durante quatro horas, infeccionou o palacio, suffocando e matando todos os que nelle se achavam. Abraçados e tremulos, Luizinho e Sybilla esperaram o fim dos acontecimentos, quando uma voluta de fumo negro, chegando até elles, aconselhou-os a que voltassem para casa, onde não existia mais ninguem. Informou tambem Fumaça a Sybilla, o lugar onde se achava a mãe, do lado da qual ella fôra retirada pelo gigante, e depois de se despedir de Luizinho, desapareceu no espaço.

Para que insistir na felicidade de Luizinho e de Sybilla? Ao lado da mãe da segunda, e no confortavel e luxuoso castello do gigante, elles cresceram mais um pouco, amaram-se muito mais e, um dia, casaram-se alegremente.

O negro que consentira em enforcar o pobre Luizinho, cahiu no rio e afogou-se.

O Natal da Velhinha

Festejava-se muito o natal naquelle anno. De segundo em segundo, foguetes riscavam o céu de saphyra escura, deixando-se depois cahir desfeitos em chuviros multicores. Os sinos das igrejas bimbalhavam alegremente, convidando os christãos a adorarem o Menino Jesus, rechonchudo e roseo, sobre as palhas do seu berço. Uma multidão, entre compungida e alegre, chegava-se a elle e prostrava-se humilde murmurando palavras inintelligiveis.

Um grande movimento e uma grande algazarra reinaram até tarde da noite, pelas ruas, e as casas permaneciam abertas, largamente illuminadas, com a verde arvore de natal já despida das suas luzes e dos seus fructos curiosos, encostada a um canto da sala. Esquecia-se na alegria daquella noite festiva, o violento calor que imperára e as tristezas e penas

que, sem respeito pelas datas felizes, vagueiam pelo mundo como nuvens escuras pelo firmamento azul.

Numa casa pequena e completamente cerrada, mancha sombria entre os palacetes luminosos e desnudados, uma pobre velhinha jazia sobre uma cama, defronte a uma janella aberta, largo córte sobre o céo nocturno. A lua, em crescente, com uma pequena dentada ainda ao lado, subia lentamente, enviando, como em carinho, os seus raios brancos, á solitaria velhinha que, com os seus olhos côr de anil aguado, a fitava, pensando em mil coisas que subiam á tona da sua triste alma de isolada e de velha, assim como a lua subia do horizonte. Oh! sim! a Natureza, para que nunca esqueçamos do que nos acontece, deu-nos a memoria e com ella a saudade! E a pobre velhinha, diminuida sob os seus lenções brancos, sem força e sem coragem para nada, sentia, entretanto, o pensamento desenvolver-se firme e claro, debaixo dos nevados cabellos soltos em desordem sobre a fronte enrugada. Advinhava bem os movimentos das casas proximas, os gritos alacres das crianças, o marulhar mais recolhido dos namorados e as palavras graves das pessoas de idade. E recordava-se, com um pequeno riso a tremer no canto dos seus labios fanados, dos seus nataes de criança. Vestia sempre um novo vestido branco, naquelle dia, e rodeava a cinta esbelta de uma

larga fita azul, cujo laço bem tufado parecia as azás de uma linda borboleta dos campos. E quanto voltear impaciente em torno da arvore do Natal, toda accesa e com os presentes pendurados nas pontas dos seus ramos verdes! E quanto doce, 'quanto bolo gostoso na mesa e quantos amigos á volta da alva toalha coberta de flores cheirosas e enlanguecidas de calor! Ah! quantos amigos! quantos amigos 'cujas faces redobravam de côr e cujas maneiras redobravam de carinho, diante da prataria abundante e das garrafas afuniladas cheias de vinhos finos e caros!... Depois, já noiva, tivera tambem um lindo e emocionante Natal. Era agora velha, enrugada e magra; mas fôra bem bonita e a sua pelle tivera a côr e o perfume das magnolias de verão! Oh! sim! lembra-se bem que fôra na noite de Natal que, pela primeira vez, deixara os labios de seu noivo beijar-lhe as mãos geladas de emoção! Aquelle bêijo fôra o seu presente de Natal, a quem amava e com quem vivera e festejara tantos nataes! Em seguida, vieram-lhe os filhos e, para elles, ornara muita arvore de alegria e pendurara, a tremer, receiosa de ser presentida, lindos brinquedos nos galhos da arvore côr de esperança! Mas a filha morrera, levando consigo o filhinho como medrosa de deixal-o só neste mundo de combates sem victorias.

O filho, um garboso official, cahira na guerra, cravejado de balas, como outr'ora S. Sebastião sob as flexas. Fechara os olhos, debaixo do calor torrido do sertão, sem ter sequer ao alcance do seu

olhar uma mão amiga para lhe cerrar a palpebra erguida de dor! E ella e o marido ficaram sós, e nunca mais festejaram o Natal! Um dia, elle voltou delirante, livido, exausto: perdera a fortuna amassada honestamente, vintem a vintem, e sentia-se fraco para sobreviver a tamanho golpe. Com effeito, dias depois morria, e ella ficava pobre, doente e só. A' roda della ninguem; e, por unico horizonte, tumulos brancos, acinzentados pelo tempo, abandonados, solitarios.... Oh! como ella se sentia cansada de ter assim descido os penosos degrãos da penosa escada da vida! Aquella noite, então, rodeada da alegria dos outros, cujo som lhe chegava através das paredes, ella se julgava uma desherdada da vida, uma esquecida de Jesus, uma abandonada dos homens! Todos estavam satisfeitos, todos tinham ganho as suas festas, alimentado esperanças, acariciado sonhos!... Ella, ali, naquella caminha, só-sinha, só tivera por companheira a lua, que lentamente evoluia no horizonte, sempre virada para ella. Nem uma voz amiga a seu lado, nem um ouvido carinhoso ao qual pudesse contar as suas saudades e as suas penas! Ninguem! Então, a misera velhinha branca, entre os seus lençóes brancos, forma embranquiçada pelos raios lunares que entravam pela janella que enquadrava o céu, junto as mãos trémulas e nodosas e ergueu para o firmamento em festa os seus olhos fanados, que já não choravam, e pediu a Jesus o seu presente de Natal!

— Meu Senhor Jesus, aqui estou abandonada

pelos homens. Velha, pobre e doente, nada tenho de commum com os que festejam hoje o teu nascimento. Mas não nasceste sobre a palha e não morreste sobre a cruz, para a felicidade sómente de alguns. Disseram-me muitas vezes que preferias os pobres, os dolorosos de corpo e de espirito. Aquí me tens, Jesus! creatura mais humilde, mais triste e mais doente não encontrarás no mundo. Só tenho a ti na terra e no céu, e só a ti posso pedir o meu presente de Natal, que os homens me negariam. Dá-me, Jesus, eu te peço, um lindo presente, um presente divino!

E a branca velhinha, com a cabeça nevada a dançar de emoção sobre o travesseiro, deixou cahir as mãos juntas sobre o seio mirrado, e fechou os olhos emurchecidos. Ficou immovel como se dormisse, com a face illuminada de emoção e um sorriso de esperança entre os labios descerrados...

•
•

No dia seguinte, quando foram ao seu quarto, encontraram-n'a na mesma posição. Face radiosa, labios sorridentes e as mãos em supplica.

Jesus ouvira-a e, como é justo, enviara-lhe a morte, como presente de Natal.

O Padre Margarido de Jesus

Existia numa pobre aldeia, occupada por uma casaria, modesta, um jovem sacerdote, tão pequenino, magrinho e fragil, que parecia uma criança perdida no meio do povo robusto, vermelho e grande, que frequentava a Egreja e lhe ouvia os sermões pronunciados numa voz suave e branda de melancolia e de fraqueza. Pelas estradas longas e aridas, andava noite e dia o triste sacerdote, visitando os enfermos e sacramentando os moribundos. A angustia, o terror da noite empallideciam, não raras vezes, o branco rosto do pequeno padre e um tremor sacudia-lhe a mão, quando esta, erguendo-se, abençoava o que partia para o mundo desconhecido de além. Em vão, o padre Margarido de Jesus ajoelhava-se horas e horas diante do crucifixo onde Christo se estatelava num hausto de suprema agonia, supplicando-lhe que lhe desse for-

ças d'alma e de corpo para ser um bom ministro de Deus, que elle adorava. Em vão elle tentava endurecer o seu espirito fraco, evocando o Céu, os anjos e a carinhosa protecção de Jesus. Era mais forte do que tudo isso, o medo que lhe causava o aniquillamento final.

Uma noite escura, em que as estrellas haviam desertado do firmamento, e em que a natureza parecia lugubre e ameaçadora, foram chamar para baptisar uma criança que se finava de *croupp*, ao medroso e triste padre Margarido de Jesus! Tiritando de angustia dentro da sua estreita batina preta, sombra escura na escuridão da estrada, o pequeno sacerdote procurava caminhar rapidamente, quando a verdade obriga-nos a confessar que elle avançava lentamente, titubeando mesmo muitas vezes entre os arbustos que salpicavam o caminho. Sentindo profundamente quanto a sua covardia o faziam inferior e incapaz de exercer o seu santo ministerio, o pobre sacerdote de Deus ergue para o céu que nuvens negras cobrem, um olhar em que supplica a misericordia e o soccorro divinos. O vento batendo nas folhagens das arvores e chocalhando-as, responde unicamente ao appello desesperado que Margarido envia á aboboda celeste. De quando em quando, uma luzinha apparece ao longe e um latido de cão se faz ouvir. Ah! como o fragil padre teme a esses felpudos e gordos cães da aldeia que o ameaçam de morder sempre que o vêm! E ali, naquella solidão, naquellas trevas, que farão do seu misero cor-

po esses brutos animaes que a noite torna terriveis? E pensando com terror no perigo que o espera no momento, elle olvida o outro que o espera no fim daquella longa estrada e sob a forma de uma criança arroxeadada e asphixiar e a morrer...

O pequeno sacerdote respira então a largos haustos, o ar frio da noite, como se fosse a ultima vez que o fizesse, e o seu mesquinho peito se êntumece, abaixando-se depois para se sumir de novo debaixo da batina. Uma estrella, entretanto, consegue romper as compactas nuvens que cerram o céu e é para ella, que Margarido manda agora o seu olhar agoniado. A estrella, porém, some-se logo, engulida pelo grosso rôlo de brumas que passeiam lá em cima e elle sente que está novamenté só na larga estrada negra e solitaria. Tambem, dentro em breve, chega ao seu destino e penetra, com as pernas cambaleantes e uma lividez gelada nas faces, na casa onde a criança agonisa e morre estrangulada pela fatal molestia infantil. No seu leitosinho que pannos grosseiros envolvem, Lili, a loura filha de uns aldeãos pobres, recebe o baptismo apressado que lhe ministra a tremer o fraco ministro de Deus. Junto a elle, o pae e a mãe não choram, convencidos de que a criança entrará para o cortejo dos anjos que rodeia o throno do Altissimo. Margarido de Jesus, entretanto, a tocar com os seus dedos frios nos ardentes e febricitantes labios de Lili, experimenta uma profunda emoção que lhe empana o meigo olhar de uma lagrima de pe-

sar ou de medo. Elle examina com attenção o rosto contrahido da pobre criança, o seu debil corpinho atirado no fundo da cama como no fundo do caixão-sinho roseo que em breve a encerrará e o mysterio da morte enche-lhe de novo a alma de um terror intenso.

Mal illuminado por uma lampada de kerozene, cuja fumaça negra envolvia o rosto do seu portador, sahio o jovem sacerdote da modesta choupana, onde conseguira, á força de dominio sobre si, exercer o sacramento suave do baptismo. Alguns pingos de chuva cahiam agora sobre a terra, estrallando sobre as largas folhas das plantas, e um silencio mais profundo ainda reinava na estrada, onde, de cabeça baixa sob o largo chapéo de sacerdote, Margarido corria em grandes passadas, que o faziam esbarrar em pedras e em raizes. Sentia muito frio o pobre mancebo tonsurado, e esse frio augmentava com a humidade que a chuva tombando, lhe impregnava na roupa. Num canto do horizonte, os relampagos se succediam e logo os grossos estampidos dos trovões se faziam ouvir. O rio, em borbotões, despenhava-se entre as suas margens e galhos de arvores, arrancados pelas rajadas do vento forte, rolavam no chão com um barulho metallico e secco. O padre Margarido de Jesus, caminhava sempre ensopado d'agua, a tremer, a chorar, a invocar Deus com uncção, com delirio, em phrases que pronunciava em voz alta e mudada. De repente, embrulhado numa violenta onda de vento, o fraco e pequeno ministro

de Deus cahe sobre a terra cuja areia, levantada pelo elemento do ar, cobre-o de um véo cinzento. Miseravel, mesquinho, esmagado pelo furor da tempestade que o derrubou naquelle campo isolado, á uma hora triste da noite, Margarido sente já na garganta apertada as garras do croup, que o levarão á sepultura. Elle se deixa vencer pelo desanimo e, encostando a cabeça vasia do chapéo que volteia ao longe, na terra coberta de lama, espera a morte que o libertará do soffrimento da sua espera.

Mas Deus ouvio as préces humildes do seu pequeno sacerdote e, enquanto Margarido como um fardo sem alma se entrega ao seu destino, um Anjo, muito alvo e de longas e immaculadas azas, foi enviado ao mundo e encarregado de levar ao jovem e fragil padre o licor da força e da energia.

A chuva cessa de cahir sobre o corpo estendido em terra do infeliz Margarido de Jesus, que, com o rosario entre as mãos, tenta ainda e em vão, implorar o seu protector, e um véo roseo de esplendor estende-se num canto do céo, donde o Anjo parte em direcção ao mundo. Nas suas mãos diaphanas e luminosas, o divino protector traz o vaso d'ouro que encerra o licor de que tanto necessita o seu irmão, o fragil ministro do seu Senhor e, em torno da sua fronte, a grinalda de flores claras que a cerca, desfolha-se, semeando o firmamento de estrellas faiscantes que tremulam como immensos diamantes. Sem ruido, quasi impalpavel, o anjo inclina-se sobre a sombra negra afundada na areia e, á

luz do archote que se accende como por milagre num ramo de arvore, elle apparece aos olhos tristes do pequenino padre Margarido de Jesus, como um annuncio da sua ultima hora.

Sem palavras, o mensageiro celeste deu-lhe de beber o licor da Força e da Energia, e, num instante, o sacerdote a quem Deus ajudava, sentio uma outra alma agitar-se dentro do seu corpo jovem e fraco.

Erguendo-se do chão sobre o qual tanto tempo estivera atirado, Margarido de Jesus elevou a Deus o seu pensamento reconhecido, e, enquanto elle orava, o anjo desapareceu, deixando a seus pés o vaso d'ouro que continha o remedio para a sua covardia, miserabilidade e fraqueza humanas. O sacerdote, depois de beber umas gottas desse nectar divino, voltou para casa com passo firme e, d'ora em diante, nunca mais teve medo de molestias ou da morte, approximando-se dos doentes com firmeza inaudita e soccorrendo todos aquelles que sabia em perigo.

O vaso de licor acabou por se esvasiar mas, como o soccorro de Deus é infindavel, o padre Margarido de Jesus curou-se de uma vez para sempre da fraqueza, do terror, do egoismo, que tão mal condiziam com o seu santo ministerio.

Quando morreu velho, os anjos vieram buscar-lhe o corpo e uma chuva de rosas brancas e perfumadas cahio nesse dia sobre a aldeia.

INDICE

A filha da sereia	3
A Fada e o Gyrasol	15
O Pescador	25
O rei da montanha de ferro	31
A princeza da montanha de vidro	37
O poço da verdade	45
Os dois irmãos	51
A Pequena Rosa	65
O filho do Pachá	75
O Enforcado	81
O Natal da Velhinha	95
O Padre Margarido de Jesus	101